

SAIDITAIN publishing, Ltd.

WOLFPII

EMILY VEINGLORY





Wolfkin

Equipe Prazer em Seduzir



Disp. e Tradução: Rachael
Revisora Inicial: Lu Avanço
Revisora Final: Elenita
Colaboração: Nívea
Formatação: Rachael
Logo/Arte: Dyllan



Dyllan



O homem que Arun ama é parente do lobo, mas Arun é parente da própria escuridão.

Arun está em treinamento para ser um sacerdote do deus Fogo quando é abruptamente arrancado de seus pacíficos estudos, tomado e marcado como isca para capturar um monstro wolfkin. Mas o wolfkin não é bem o que Arun esperava. Ele tem um nome, Trae, e é mais homem do que besta. E em seus primeiros toques, eles são muito mais do que predador e presa um do outro.

Em vez de matar Arun, Trae o leva para a distante cidade de Shireen. Lá, em uma parte das terras da família, eles deveriam ter uma boa vida juntos. Mas o feitiço que uma bruxa colocou em Arun torna-se cada vez mais forte, fazendo com que ainda queira destruir o wolfkin.

Dividido entre o poder da magia e seu amor por Trae, Arun precisa enfrentar a escuridão dentro dele, ou esta vai matar os dois.



Capítulo 1



"Se você que manter sua irmã fora do meu quarto, fará este pequeno favor." Disse o velho Jeryl.

Arun baixou sua cabeça humildemente ante o lorde, na fria escuridão do grande salão. O velho e seco pescoço de Lorde Jeryl aparecia através da gola de sua túnica. Jeryl voltou a sentar na grande e esculpida cadeira, sorrindo com um ar de satisfação. A luz se refletia nos anéis de rubi de seus dedos, que tinham mais vida que os opacos olhos do velho. Não era surpresa que a cidade estivesse inundada de rumores a respeito de qual dos filhos bastardos de Jeryl tomaria o controle quando este morresse, ou que alguém acelerasse seu destino.

"Não precisa me ameaçar com a Miri." Arun disse nervosamente.

"Se você precisa da minha ajuda para capturar o wolfkin, então eu o farei. Isso não é mais do que meu dever, ou o de qualquer de seus homens." Ele ouviu o tremor em sua própria voz e sentiu que seu rosto se ruborizava. Estava impactado porque o tiraram de sua pequena cela para enfrentar a ameaça da cidade do Lorde, mas ele voluntariamente enfrentaria até mesmo um monstruoso lobo para certificar-se de que Miri pudesse desfrutar de seu casamento sem ser incomodada. Embora, que ajuda poderia lhe brindar um doentio acólito¹ nesse tipo de luta? Ele não sabia.

Jeryl riu, com uma risada seca, quase ofegante. "Eu não coloco minha fé nas abstratas virtudes de seu Fogo Sacerdotal." Ele disse, a amargura saindo de sua boca.

"Charlatães, mendigos e fraudadores, é o que é cada um dos seus. Não, eu posso me encarregar do assunto com minhas próprias mãos. Só que minha bruxa me assegurou que você amava o suficiente sua irmã para fazer o que desejo."

As mãos de Jeryl permaneciam no apoio da cadeira, e apesar de sustentar-se firmemente, não conseguia ocultar o tremor de seus dedos. Essas eram as mãos que afogavam a vida de todos naquela terra, com impostos e aluguéis que aumentavam cada vez mais.

Depois da perda de seus pais por causa da febre, Arun e sua irmã mais velha Miri tinham sido criados, a contra gosto, até uma idade útil pelo orfanato da vila. Ela tinha

¹ Uma criança ou adolescente, geralmente do sexo masculino, que auxilia os sacerdotes nas funções do altar.



conseguido o ofício de costureira na vila, e Arun foi contratado como ajudante apenas para sobreviver. Mas foi uma escolha da qual ele sempre tinha lamentado.

Arun não sentia amor pelo tirano decrépito diante dele, e não sabia como tinha conseguido chamar a atenção de Jeryl.

"Sou somente um acólito. Nem sequer sou um sacerdote." Arun protestou fracamente.

"Mesmo que eu pudesse desejar ajudar, que possibilidades tenho de fazê-lo com essa besta?"

"Ah, sim." O velho inclinou-se para frente desajeitadamente. "Então, diga-me, você foi um bom acólito e seguiu todo o credo? Em particular, meu menino. Manteve a castidade? Porque senão, a criatura de fora..." Ele levantou o braço em um selvagem gesto. "Isso pode simplesmente mata-lo e estragar todos os meus cuidadosos preparativos. Portanto, não tem nenhum sentido que minta agora."

Ao lado do Lorde, o capitão da guarda de Jeryl levantou uma cética sobrancelha. Muita gente tentava ser acólito, mas com dez anos de treinamento e um código de conduta que estipulava cada detalhe da vida, a maioria abandonava, e muitos cometiam erros, de um tipo ou de outro. No final do treinamento, a grande maioria que tinha iniciado não chegava a sacerdote. O requisito da castidade era a causa mais comum de enguiço. Dizia-se que se falhava na pureza seriam acólitos para sempre, porque Deus rechaçava suas oferendas, a pureza era a virtude primitiva dos Senhores do Fogo.

"Sou virgem." Arun não se sentiu envergonhado a respeito disso. Os Sacerdotes do Fogo seguiam muitos caminhos para a mesma verdade, e poucos eram castos durante toda a vida, mas a abstenção era requisito para os acólitos, e isso ele havia cumprido. Talvez tivesse sido muito fácil, requerendo menos força de vontade ante sua antinatural baixa libido, mas sim, seu corpo era casto, e se era o que o velho homem necessitava, ele poderia prover. Como isso poderia ajudar a apanhar a mais poderosa criatura troca-forma, o quase imortal wolfkin, ele não conseguia nem supor.

Jeryl olhou-o fixamente por um bom tempo. Sua ofegante respiração fazia eco no frio ar do grande vestíbulo. Finalmente se endireitou e inclinou a cabeça apreciativamente para um



lado. "Perrin pode lhe dar o amuleto e as correntes que imobilizarão o monstro. E explicar-lhe como poderá usá-las, quando terá a oportunidade de apanhá-lo e amarrá-lo para mim, e assim ser ricamente recompensado. Falhe comigo e não será o único a lamentar."

O capitão da guarda baixou a cabeça e convidou Arun para que o seguisse. Realmente, Arun sabia que ele devia fazer sua parte para proteger as pessoas contra o wolfkin. As ameaças de Jeryl contra Miri asseguravam que ele não conseguiria recusar-se. Logo ela estaria casada com seu amado Berton, e como lorde do feudo, Jeryl tinha seguido um arcaico costume, o de ter em sua cama qualquer noiva em sua noite de núpcias. Assim, se ajudando a apanhar o monstro ele a deixaria em paz, então, assim seria.

Arun saiu do quarto com um único e tímido pensamento. Ele esperava, sabia que era uma fraca esperança conseguir, de algum modo, voltar aos seus estudos. Ele sabia que era um jovem muito comum. Desejava a graça do Senhor do Fogo como única possibilidade de ter uma vida com um propósito real. Faltando apenas uma semana para decidir, parecia-lhe que o Senhor do Fogo estava muito perto; quase que o suficiente para alcançá-lo.

Seus pensamentos voltaram-se para Miri, sempre tão paciente com ele, e agradava-lhe vê-la em suas espaçadas visitas no vestíbulo da área de serviço. Somente quando Arun seguiu Perrin foi que a verdadeira natureza de seu envolvimento no caso ficou bastante clara. O capitão da guarda começou a lhe explicar, em tom rude, sobre como usar o amuleto da bruxa e quais eram os planos de Lorde Jeryl.

Quando saiu, depois de ver Jeryl, justo por um momento, com escuras roupas e véu, a bruxa de Jeryl mostrou-se rebelde. Quando viu seu rosto comprovou que ela não era uma harpia, de fato era quase formosa, mas seus duros olhos brilhavam com algo mais que fogo divino. Sem uma palavra ela entrou no vestíbulo e tomou o braço de Arun com uma de suas mãos enluvadas. Ela o olhou de cima a baixo de forma apreciativa. Perrin não a olhava. Era como se não quisesse admitir a existência da mulher, mas permitiu que os interrompesse.

Sua voz era estranhamente suave e quase gentil. "Logo você poderá ser um dos nossos."

"Difícilmente, madame." Arun respondeu friamente, tratando de afastar-se. Mas a pequena mão dela era forte.



"Quanto menos você lutar, mais fácil será, filho."

Estremeceu ao pensar nisso. Uma bruxa covarde, que tinha que cobrir cada centímetro de sua pele para proteger-se da fúria dos justos raios do sol, usando esses termos familiares com ele, repartindo ambíguas e sinistras notícias. Isso o obcecou enquanto Perrin o guiava para fora, onde esperava uma carruagem. Eles atravessaram a cidade. O templo se perdeu de vista no alto da colina. Se apenas pudesse falar com Lanner, seu confessor e mentor no templo, mas Perrin não queria atrasar-se.

Arun tinha pensado que sua moral era sólida e profunda, uma rígida formação que esperava que terminasse em uma vida como sacerdote. Mas as poderosas boas intenções foram rapidamente sacudidas quando ele ouviu o que devia fazer para manter até o final a negociação com Jeryl. Era preciso ter um feitiço negro e um casto, mas disponível corpo, não importava o quanto aquilo o incomodasse, isso estava predeterminado. Esse era realmente o único caminho, o melhor caminho? Todo mundo conhecia a inominável bruxa que vivia em um profundo calabouço e servia a um não íntegro deus. Ele não queria ser parte da magia dela.

Ao final de seu comprido dia e de uma irritante e corrida viagem, Perrin e Arun estavam juntos em uma ilha no fundo do pântano inóspito. Ele poderia ficar preso ali, muito confuso para refazer o caminho, mesmo que dispusesse dos meios. Não havia nada por quilômetros, apenas fervilhantes pântanos e deprimentes canais, sem dúvida cheios de bestas predadoras. Perrin fez uma pausa, parou de falar e deu umas palmadinhas no ombro de Arun de forma vagamente fraternal.

As maneiras de Perrin se suavizaram um pouco durante as curtas horas de sua viagem. Sem dúvida via, em Arun, nada mais do que via a maioria das pessoas. Um mais que comum jovem fracote em uma túnica de aparência simples, estudioso e pouco conservador. Arun sabia que bem poucas pessoas o achavam atraente. Mas agora ele estava vestido com roupa simples do campo que o capitão da guarda lhe tinha dado, e pensou que não conseguia evitar estar assustado. Havia muito mais temor nele; seria uma maravilha se não deixasse algum lugar para o sangue.



"Lembre-se, mantenha o amuleto contra sua pele todo o tempo. Somente... depois, quando a criatura estiver vulnerável. Então, o ate com a corrente de ouro e acenda a fogueira do farol. Nós viremos até você logo que possamos. O amuleto, eles disseram que pode protegê-lo. Quanto mais tempo você usá-lo, mais forte será sua proteção. Portanto, seja paciente. Nós esperaremos, e será melhor para você."

Arun entendia que o sanguinário capitão aceitava que aquilo era uma macabra armadilha. Isto era simplesmente da sua natureza. Tinha ficado claro enquanto falaram durante a viagem. Perrin se aferrava às suas obrigações como sua maior virtude, e percorreu o caminho de volta só porque ele tinha prometido obediência a um poder superior, mesmo que terreno.

Perrin estava deixando Arun como um caçador deixaria uma cabra para tentar o lobo que querem caçar. Exceto que uma cabra, sem levar em conta o quão ansiosa e perplexa estivesse, não sabia o que ia lhe acontecer, e, além disso, um lobo normal somente consumiria sua carne e seu sangue. Arun tinha muito mais a perder, sua santidade, sua alma. Ele procurava cultivá-la segundo a visão dos sacerdotes e ficar indiferente ao seu próprio destino mortal, e Perrin lhe disse que era a única maneira de capturar o wolfkin que perambulava pelas terras baixas. Isso realmente não consolava nem aliviava Arun. A quem, depois de tudo, importam os sentimentos da cabra?

Perrin franziu o cenho e uma profunda linha marcou sua corada face. Tinha-lhe contado histórias durante a viagem, dos corpos que ele tinha visto, dos animais rasgados e até mesmo que o wolfkin, fugindo dos caçadores, escondeu-se nos pântanos e que seria apenas questão de tempo antes que o monstro recuperasse força suficiente para se aproximar das vilas, por causa da sua necessidade de sangue humano.

Com algumas últimas e vagas palavras para animá-lo, Perrin deu meia volta e entrou no barco. Seus homens o levaram entre os canais. Um pássaro cantava com monótonas notas, e pequenas criaturas percorriam a vegetação enquanto o pequeno barco se afastava. Perrin, a bordo do barco, olhava-o enquanto se afastava. O canto dos pássaros aumentou. Tudo o que podia ouvir era o sussurro dos ramos. O ruído aumentou causado pelas altas árvores que



escureciam o céu invernal. Toda a vida de Arun se desordenava, e pela primeira vez se deu conta de que ele poderia ter um final repentino, justo quando escurecesse.

Arun se endireitou e tratou de parecer estoico, mas estava apavorado. E mesmo depois que os homens se foram ele não tinha deixado que seu rosto o traísse. A razão pela qual eles necessitavam de um jovem casto era muito simples, uma isca. Isso atrairia o errante wolfkin, como eles diziam. E mesmo um tão vil e selvagem como a besta que espreitava essa terra pantanosa não poderia negar-se a um sangue puro. Ele precisava saborear sangue de homens mortais e desejava destruir a pureza onde a encontrasse. O velho lhe tinha assegurado essas coisas quando falou com Arun sobre o amuleto que atou em seu pulso. Arun o sentia sobre a pele igual a uma peste. Compulsiva, carnal. Isso poderia atrair o wolfkin e enganá-lo. Algo parecia filtrar-se para seus ossos, e o frio se espalhava para suas mãos e pulsos, igual a sementes que fincam raízes. Seu instinto era arrancá-lo, mas de novo pensou em Miri, ela estava em suas mãos.

Perrin não tinha falado claramente sobre as coisas, mas devido a vários eufemismos vergonhosos, Arun tinha as coisas claras. O wolfkin ia buscá-lo, e essa mistura dele, o amuleto encantado e seu estado virginal, poderia fazer com que a luxúria vencesse qualquer natural precaução que o wolfkin mostrasse, e o possuísse. Se o visse suficientemente puro e atraente, ele poderia tomar seu sangue e seu corpo. Se ele sentisse suficiente prazer com essas coisas podia perder a força e debilitá-lo o suficiente para ser amarrado. Se a pureza de Arun não lhe agradasse em demasia, então ele provavelmente tomaria sua vida.

Arun puxou sua larga capa ao redor de seu corpo com um convulsivo estremecimento. Pensar em ser forçado a tal ato era extremamente horroroso. Ele sucumbiria a isso, até mesmo a algo pior, mas isto era algo que o aterrava muito mais. Ser possuído por uma criatura da escuridão poderia significar que ele nunca seria sacerdote. Esse era um dos requisitos sobre o quais os acólitos murmuravam, diziam que o Senhor nunca renunciaria a isso. O acólito devia provar sua pureza. A iminente perda lhe doía igual a uma ferida que sangrava sem cessar.

Ele esteve tão perto, em menos de dez dias teriam no convocado ao interior do templo e ele saberia se o Deus do Fogo o aceitaria. Finalmente teria sentido que seu Deus o tocava e



ouvido sua voz. Cada trimestre do ano ele havia mantido o fôlego em suspenso esperando que Lanner pronunciasse seu nome como um dos escolhidos, julgando que estava preparado. Finalmente sua oportunidade chegava e lhe escorregava entre os dedos. Mesmo que ele sobrevivesse, seu corpo estaria tão manchado que nunca serviria à Luz, e por sua natureza estaria maculado para apresentar-se dentro das sombras.

Jeryl tinha razão. Somente por Miri faria isto, e só se Miri nunca se inteirasse do sacrifício que tinha feito. Salvar as terras da degradação de um monstro era um ato sublime, mas sem a ameaça do velho ele teria escapado de seu destino.

Uma dor em seus pulmões provocou-lhe uma intermitente tosse. Os ratos tinham rasgado seus pacotes, e o que não estava destruído estava prejudicado. Arun jogou com a idéia de acender a tocha do farol que estava escondida entre os matagais e rogar a Perrin que o levasse longe. Mas o capitão era um homem leal, e o Lorde era rancoroso e poderoso. Arun não podia fazer nada, somente esperar e aguentar. O frio não vinha apenas do exterior, mas ia tecendo em seu interior como uma teia que invadia todos os seus órgãos. Seu corpo doía com uma miséria que parecia não ter fim.

Arun inclinou-se contra o fogo. Brilhava pouco e brindava pouco calor, além disso, as madeiras que proviam o fogo estavam úmidas, o que fazia com que o ar se enchesse de fumaça e lhe dificultasse a respiração. Procurou olhar as chamas e pensar na benevolência de seu Deus, mas só sentiu que irremediavelmente se afastava dele. Era o amuleto que parecia escondê-lo da graça do deus do Fogo ou eram seus próprios pecados que o faziam? Afastava-se só de seu próprio coração? Ele nem sequer estava seguro de quais pecados pudesse abrigar, sem a confissão que os tirasse de si, mas uma fria escuridão crescia nele há cada momento, e ele tinha certeza de que parte disso vinha dele.

Todos os furtivos movimentos o rodeavam. As rápidas e tímidas gazelas eram lindas criaturas. Viu o brilho de seus olhos e sorriu. Mesmo os ratos e os corvos eram uma agradável companhia, sempre o tinham assustado os enormes crocodilos que diziam que eram tão grandes quanto um cavalo e que comiam homens, mas outra macabra suspeita cresceu nele. Algo se movia na escuridão, olhando-o.



Ele andou em volta de seu deprimente e muito pequeno domínio e olhou para fora, nas formas entre os arbustos e a erva. Ele até o chamou, quando pensou ter visto um lampejo de carne à luz da fraca lua crescente. Seria somente um aldeão passando ou seria mesmo o wolffkin? Será que o lobo estava em algum lugar lá fora? O seguidor dos lobos vivia nas altas montanhas e nas cidades de pedra em terras distantes. Nestas terras baixas, eles somente eram nomeados nas fábulas, e porque os velhos apregoavam terem visto um, e a maioria deles claramente mentia quando fantasiava com tais contos. Ele não podia evitar, mas se perguntava, o que tinha feito para que uma criatura vagasse trocando de comportamento? O que fez com que Jeryl concentrasse seus esforços em capturá-lo, em vez de matá-lo?

Arun levantou sua ossuda mão. Por que ele estava aqui para tentar a besta? Ele não era alguém que se pudesse seduzir. Seria o feitiço da bruxa suficiente para fazer com que sua inocência bastasse para tentá-lo? Ele havia buscado cultivar algumas virtudes em sua vida: um pouco de piedade, um pequeno talento para cultivar ervas úteis e determinação para completar qualquer tarefa diante dele. Uma determinação que possivelmente era realçada por uma evidente falta de imaginação. Nisso ao menos era afortunado; ele tinha sido incapaz de imaginar o que poderia lhe acontecer. Além disso, deu-se conta que não tinha rezado durante todo o dia pedindo que o guiassem em seu caminho. Que tipo de acólito ele era? Piedoso somente quando o olhavam e rapidamente desaparecia quando estava sozinho?

Arun se enrolou de lado perto do fogo e cobriu-se com sua úmida e empoeirada manta, levantando-a até a cabeça. *Senhor da vida do Fogo, se essa for sua vontade, dê a minha irmã Miri segurança e alegria em seu casamento. Evite que pense em mim, nem se preocupe com isto, que seja feliz em seu dia... E se for sua vontade, deixe-me viver, mesmo que eu não valha nada para você. Desejo viver.* Ele cabeceou pela primeira vez, mas embora estivesse duro e tivesse frio, mesmo com a úmida madeira que fazia saltar faíscas perto de sua manta, ele não dormiu. Às escuras horas se moviam vivas, com intermitentes gorjeios e distantes uivos das criaturas da noite. Ele deveria ficar atento para alimentar o fogo com mais madeira úmida, embora esta logo extinguisse o fogo, e não haveria maneira de que ele conseguisse acender um novo com tanta umidade. Com essa preocupação nublando sua esgotada mente, Arun foi caindo no sono.



Um olhar fixo no enrolado corpo resistia à poderosa chamada.

Arun despertou, virando-se ao sentir que algo tocava sua pele na parte baixa de suas costas. Um camundongo ou uma aranha entrou sob a manta, presumiu aborrecido, mas se deixasse o calor da coberta ele poderia estar congelado pela manhã. Tocaram-no de novo, sua natureza era clara. Arun continuou fingindo que dormia. Tocaram-no outra vez, era um dedo contra sua carne nua, sob a roupa e a túnica. Agora vários dedos percorriam gentilmente sua coluna, descrevendo as bordas de seus ossos e movendo-se acima de seus quadris antes de cuidadosamente baixar.

Poderia ser um humano vagabundo? Não, nenhum homem iria anunciar sua presença, iria roubá-lo ou mata-lo enquanto dormia, não faria algo como isto. Era o wolfskin em sua forma de homem. Ficou quieto para ver o que ele procurava. Ainda deitado, Arun pensava em sua pequena decisão. Seu corpo o traiu gerando um estremecimento geral. Queria a criatura tomar seu corpo ou sua vida?

A mão desapareceu de suas costas e de sob sua manta. Por um momento, Arun se perguntou se tinha sido simplesmente a ilusão de um escuro e profundo sonho. Não. Fechou os olhos com força quando sentiu que a mão tinha retornado, mas agora apenas o acariciava por cima de sua úmida manta. Contemplou o gentil contato que o percorria lentamente e logo se afastava. O toque era suave, quase como se a besta quisesse confortá-lo. Retornou mais uma vez. Por que a maldita coisa duvidava?

"Tempo de ir-se, menino." Disse uma voz grossa. "Você me tenta."

Arun se acomodou de costas e baixou a manta de seu rosto. Um arco vazio no céu era tudo o que podia ver. A lua tinha saído sobre sua pequena ilha, a terra nua ao redor, exceto pela pequena e fina árvore no centro. Sem importar o quanto forçasse a vista ele não conseguia ver sinal de nenhuma criatura ali, nem evidências para onde havia ido. O coração de Arun golpeava forte, sua respiração ficou presa na garganta. Isto parecia até pior do que podia esperar, pois o fatal destino ainda o esperava, inevitavelmente, seguindo-o.

Era melhor acabar logo com isto. A lua esteve cheia noites atrás e agora ia para uma escuridão total. Arun, inquieto pelos acontecimentos do dia, ficou de pé e caminhou ao redor do



círculo para o vulto que tinha deixado em um extremo. Seus passos percorriam o caminho nu para a fina árvore.

As correntes de ouro estavam enterradas sob o musgoso lugar onde ele dormia. Do negro feitiço brotavam ondas que o percorriam como se fossem piolhos. Onde o amuleto estava amarrado, sua pele se levantava com raiva, que se estendiam por ele até o lugar onde a coisa estava amarrada. Aquilo subia além de seu cotovelo, igual a um verme sob sua pele.

Com o crepúsculo ele sentiu o peso do olhar. Deixou o fogo extinguir-se. Não havia nada mais que pudesse queimar agora, só a tocha do farol. A noite estava caindo passando os tons rosa como a pele para vermelho como o sangue. Era uma noite suave e fria mas não gelada. *"Aqui estou eu e não posso esperar mais"*. Arun tirou sua roupa e túnica. Depois, botas e meias, e sentiu-se tolo e assustado, nu com sua frígida pele. Ele olhava mais à frente do semicírculo, e somente conseguia ver as grandes árvores, embora parecesse que algo se movia entre os troncos. Haveria outra ilha lá, um lugar mais sólido?

Depois de um longo momento, puxou a túnica e o cobertor sobre ele. Estremeceu e puxou seus joelhos até o peito. *"Venha e faça agora"*. Ele sentia em suas vísceras que podia ser esta noite, e corrigiu sua oração, *"Deixe-me terminar aqui"*, nem sequer esperava sair, entrando em um incerto futuro mais à frente.

Isso enchia sua escuridão quando os juncos que rodeavam sua ilha se abriram, e apesar de que o fogo estava se extinguindo, Arun viu claramente o wolfskin pela primeira vez, suas roupas rasgadas, movendo-se lentamente com a brisa. Arun ficou de pé, deixou o cobertor e caminhou para frente lentamente, detendo-se frente ao quase extinto fogo. Em um lugar mais à frente do medo ele viu suas próprias ações, nubladas, como se estivessem à distância.

A poluída criatura tinha uma pele pálida e brilhante, seus olhos eram negros, sem nada de branco. Grosso cabelo cobria sua cabeça em uma juba que lhe chegava até os ombros, sugerindo sua outra forma. Mas com a tênue luz ele parecia quase como um homem. Alto, de ombros largos, movia-se levemente enquanto se aproximava. Arun estava petrificado pelo suave olhar do wolfskin. Tinha fortes ossos e era um homem arrojado, mas sua pele estava coberta por pelos que brotavam de suas faces. Uma dentada cicatriz danificava sua testa. Ele o



olhava. Os dedos de uma de suas mãos estavam dobrados, pareciam quase que esmagados. Inclinou-se para frente como se estivesse dolorido, e a criatura inclinou a cabeça, curiosa. Água se derramava de suas empapadas roupas quando entrou na sólida terra.

"Quem é você?" A grossa voz do monstro disse, tristemente e com inconsciente ironia. "Isto não é natural."

Entrou na ilha e se deteve. Arun sustentava fortemente a idéia da segurança de sua irmã. O wolffkin caminhou mais lentamente para o círculo que rodeava o fogo. A princípio virou-se, mantendo-o sob suas vistas, mas então se deteve, olhou para o chão e esperou o que viesse. Ele se maravilhou, porque o monstro falava quase como um homem de verdade. Dúvidas surgiram na mente de Arun, o monstro falava como um homem, sua rasgada roupa era adequada... *"Não, desta vez não havia tempo para dúvidas."*

Girando em torno dele, estava à sua frente de novo. Impaciente depois de sua torturante espera, Arun caminhou nu para seu destino.

O wolffkin olhava Arun com um aberto, profundo e faminto olhar. Enquanto se aproximava, Arun viu que era mais alto do que ele e mais forte, seus ombros mais largos com musculosos braços com escasso pelo que cobria sua superfície. A criatura parecia fria, estranha, mas não repulsiva. Dar-se conta disso deixou-o surpreso.

Seus olhos fixos na pele de Arun, seu nariz e boca inalavam o ar. O encontro se aproximava, era evidente o calor que emergia de seu corpo. Aproximou-se tanto que parecia que suas mãos, peito e coxas se roçavam. Arun se sobressaltou quando ele colocou sua forte mão em seu ombro. O wolffkin puxou-o para ele. Lábios secos o tocaram justo na curva que une o pescoço com a parte superior do ombro, não lhe permitindo afastar-se. Rodeou-o até que ficou atrás, mais perto, unindo o comprimento de seus corpos juntos. Arun deu meio passo para frente, aferrando-se a um ramo da árvore no centro de seu pequeno domínio, oferecendo-se sombriamente.

O wolffkin se aproximou de novo, duro contra suas costas, forte. Seus finos dedos se cravaram na cintura de Arun, puxando-o para mais perto. O ar que saía de seu nariz e boca chegava à frígida pele de Arun. Moveu-se lentamente contra ele. Debaixo da velha roupa seu



pelo se arrepiou, e a quente carne era áspera em cada poro da pele de Arun. Em certo momento a criatura vacilou, afastando-se. Seus dentes irregulares tocaram seus ombros, raspando sua pele, então se moveu sobre as abrasões seguindo a exploração com sua insistente língua. Uma desconhecida e quente umidade fluía fracamente através do corpo de Arun, empurrando-se, abrindo caminho através de suas congeladas veias e suavizando-a. Quando a sensação alcançou sua virilha, Arun sentiu desejo, não, simples luxúria. A boca do wolfkin na parte de trás de seu pescoço era o melhor coisa que já tinha experimentado em toda sua vida. Se era isso o que acontecia à maioria das presas, de repente não o aterrorizava. Ele experimentou seu próprio prazer como uma renovadora força, não tentou entender. Não se atreveu a isso.

Ele se derretia dentro do corpo que se pressionava contra ele, sentindo o primeiro calor real em dias. Sua mente seguia seu corpo, rendendo-se. O wolfkin grunhia e chupava sua carne; ele sentiu uma mão tateando seu corpo. Arun aferrou-se com ambas as mãos ao rugoso ramo da árvore diante dele. O pênis do wolfkin pressionava-se contra suas costas. Todo o medo tinha fugido. Arun estava consumido por uma dolorosa necessidade que se acendia e girava profundamente no interior de seu corpo, e ele sabia que era a única coisa que sentia.

O wolfkin retirou a boca e Arun se sentiu abatido. Um fino rastro de sangue desceu para frente, formigando o caminho por sua clavícula antes de cair no chão frio. A mão da criatura percorreu a pequena ferida, molhando com seu cálido sangue sua palma. E esse pegajoso fluido passou para seu duro pênis, que empurrou contra ele, escorregando, procurando sua entrada. A antecipação subiu por sua coluna.

Sua pele formigava agora, animada pela inconstante luxúria, e só sua fria invasão podia acalmar o ardor. Foi uma dura e forçada entrada. O amuleto brilhava e o wolfkin o perfurava. O monstro gemeu como se lhe doesse empurrar-se dentro dele, entrava erguendo suas pernas dobradas, e eram tão grandes e tão fortes seus impulsos que o levantavam, fazendo-o ficar sobre as pontas de seus pés. Arun gritava muito, confuso pelo desejo, queimando-se com a desesperança e a perda. Tudo o que tinha desejado por tanto tempo se afastava para dentro da escuridão, mas ele mal notava a perda. Naquele ardente momento Arun não estava vivendo



para aquele chamado. Agora, como poderia ver se o Senhor do Fogo poderia aceitá-lo? Ele estava totalmente imerso no abraço, na cópula, no sangue e na escuridão.

A criatura mordeu-o de novo, a mandíbula pressionando fortemente contra seu ombro. Cada impulso era forte, empurrando-o contra os ásperos ramos da árvore. Seu corpo se esticou enquanto se submetia à investida. O sentimento era carnal, agudo, e intoxicava-o. A dor só era uma fraca ressonância do desconhecido prazer animal.

Na escuridão, seu corpo foi aberto e rasgado com crescente avidez pelo monstro. Arun gritou enquanto se derretia pelo desejo que o atravessava, ensurdecendo-se com um som parecido a uma forte chuva caindo. Ele poderia não se lamentar por nada se apenas pudesse ficar assim, aqui, neste momento. A criatura se empurrava profundamente dentro dele, e então o empurrou para o chão.

O wolfkin pressionou Arun contra a molhada terra. Arun gozou com um gemido, justo quando o monstro se empurrava contra ele, enchendo-o com sua semente, e eles caíram no chão, emaranhados. O wolfkin lambia a pele de seu ombro em um estranho e suave ritmo, que gradual e lentamente diminuiu enquanto ele ficava imóvel contra suas costas.

Depois de um momento, a onda de antinatural luxúria se afastou através do rachado delírio de Arun. Ele estava deitado no frio e úmido chão. O corpo do wolfkin havia desabado contra o seu. Consumido de paixão, varrendo a repentina e furtiva onda de desejo, deixando-o à deriva, frio, doloroso e pensativo.

"*Isto não pode ser por nada.*" Ele se arrastou para longe da criatura deitada que o abraçava, sem pensar em tudo o que girava dentro de sua mente. Não podia dar um nome à confusão que o invadia: saciedade, perda, dor e medo, que o deixou o fato de expor-se ao calor animal que tinha feito com que desejasse o toque do monstro. O que era aquilo, desejo ou feitiço? Não fazia diferença agora, e nunca faria de novo.

Os dedos de Arun vasculharam a molhada terra, procurando, mas sem encontrar a fina corrente de ouro. Ele raspou a terra freneticamente. Finalmente seu polegar encontrou a corrente. Parecia muito frágil para sustentar uma criatura de tamanha força, mas essa era sua



única esperança. Perrin havia lhe dito que não era realmente o metal o que o sustentaria, mas sim os antigos feitiços, que eram ouro envenenado para o Lobo.

Sacudindo a sensação de frio que o envolveu de novo, Arun podia ver seu hálito gelar no ar enquanto suas mãos e garganta se intumesciam. O wolfkin estava deitado, parecia que dormia um sono induzido enquanto se inclinava para amarrá-lo. Arun atou-lhe os pulsos e tornozelos tão forte quanto se atreveu, para não romper a fina corrente. Trabalhava rapidamente, inseguro de quanto tempo tinha demorado. Parecia que as correntes poderiam romper-se entre seus dedos a qualquer momento. Olhando para a forte e musculosa figura, sentiu outro momento de dúvida, mas também um pouco de piedade apesar da insignificante natureza da corrente. Não era correto restringir o poder selvagem de uma criatura.

Viu, à luz da lua, a besta com seus olhos totalmente negros abrirem-se, e estava certo de que, a qualquer momento, a criatura se libertaria. Arun procurou a tocha do farol. Levou a tocha ao quase extinto fogo e esta acendeu rapidamente. Arun levantou-a alto, mas repentinamente queria sua roupa, não queria ser encontrado daquele jeito, nu e sangrando. Deixou a tocha nos ramos da árvore, olhando nervosamente o wolfkin enquanto pegava sua túnica. A tocha se moveu e, por um momento, parecia que cairia, mas se deteve no tronco. A úmida madeira viva do tronco rangeu quando as chamas a atingiram.

Enquanto ele vestia a túnica por cima da cabeça, Arun viu que as chamas tinham alcançado algumas folhas mortas e alguns ramos da árvore. As pequenas ramas apanhadas rapidamente pareciam estender-se para a coroa da árvore. Agora não tinha como perderem o sinal. Mas o fogo poderia ser perigoso para as criaturas da noite...

Arun moveu-se para frente de novo. Ele chegou perto do wolfkin amarrado, agora com os olhos fechados, parecendo entre o sono e a morte. Arun pegou sua manchada camisa e o puxou, sentindo a roupa rasgar-se, mas ainda assim conseguiu, com dificuldade, arrastar a pesada criatura para uma clareira, longe da árvore que se incendiava.

Ficou às margens da água, sentindo as lágrimas caírem de seus olhos, balançando-se lentamente em um desesperado esforço para encontrar consolo ou alguma calma em sua



confusão. Uma das mãos de Arun, inconscientemente, descansava de maneira protetora sobre o imóvel wolfkin. A textura de seu cabelo parecia vivo entre seus dedos.

O tempo passava, ouvia-se apenas o som da madeira úmida crepitando em sua avara e inexorável destruição. Pequenos ramos e folhas secas eram destruídos com dúzias de faiscantes ruídos. Ele viu o brilho do reflexo dos olhos dos ratos e de outras criaturas que congelavam entre os canais e viu como eram ameaçados. A árvore inteira se incendiou, enchendo o ar com uma sufocante nuvem de fumaça.

Tudo ao redor dele era ar crepitando e murmurando. Finalmente ouviu o ruído dos remos, amortecidos por outros ruídos, se aproximando. Arun continuava olhando a árvore incendiando-se, de costas para a água. A tocha do farol caiu ao chão, perto do tronco, mas as chamas continuavam consumindo avidamente o tronco e os ramos. Todos os ramos queimaram e caíram no chão úmido. Olhava para a árvore queimando, sem nem mesmo olhar para o barco.

Uma grande mão se apoiou em seu ombro e Arun girou, quase curioso. Os homens da Guarda pegaram o wolfkin dos braços de Arun, e Perrin o guiou até o barco, sentando-se com ele. O capitão inclusive colocou seu braço nele, enquanto seus quatro homens remavam através da escuridão, cruzando os canais e rodeando os obstáculos do caminho. Levou o dobro de tempo sair do pântano, e chegaram já com a luz do dia. Arun sentia doer todo o corpo, a umidade escapava de seu interior.

Uma carruagem os esperava, mas levaria apenas a criatura em seu interior. A carruagem se afastou sem Arun, Perrin e dois de seus homens. Arun foi encaminhado para um grupo de mulas que os homens do Lorde costumavam usar para percorrer as áreas menos hospitaleiras e marginais do feudo.

Arun se sentia usado, rebaixado, e uma estúpida teimosia era sua única força. "Então, fiz o que me pediu." disse a Perrin.

"Assim foi, menino. Exatamente o que o Lorde Jeryl pediu." Sua voz estava surpreendentemente suave, com preocupação.

"Então se o fiz, e meu Lorde Jeryl foi sincero em seu oferecimento de me recompensar, diga-me, por que me dá uma mula?"



Com uma sombria dor, Arun subiu na montaria. A mula respondeu aos joelhos que a golpeavam e iniciou o caminho. Arun queria ir-se dali. Urgia-lhe ir rápido, enquanto seu tranqüilo temperamento e o escuro amanhecer o permitissem. O caminho aberto era igual a uma grande fita preta que lhe oferecia a oportunidade de escapar. Embora ele se sentisse assustado, iniciou o percurso.

Montou a mula durante todo o dia e a noite, e no meio da manhã do outro dia, a mula estava irritada. Ele sabia o que tinha feito, e não era uma boa ideia. Depois de todos os seus esforços em manter sua irmã segura e ignorante de todo o ocorrido, ele se dirigia para o único lugar onde se sentia seguro. Ele se dirigia à pequena casa que Berton tinha construído para sua amada Miri. Depois de passar a maior parte dos últimos dez anos no templo só com as ocasionais visitas de sua irmã, ela agora representava o único lugar no qual ele esperava sentir um pouco de segurança, fraco como se encontrava. O único lugar no qual ele poderia dormir o suficiente para esclarecer sua nublada mente e decidir o que fazer. Era o mais próximo que tinha de um verdadeiro lar.

Capítulo 2

No seu segundo dia como mulher casada, Miri estava aborrecida. Ela tinha trocado um bom linho por três galinhas poedeiras, mas logo que tirou as galinhas da cesta elas desapareceram entre os arbustos e não havia tornado a vê-las. Maldição, ela não deveria ter feito a troca. Por que ela não ia procurar a viúva Whent para verificar se as aves tinham voltado para lá? Porque elas eram iguais às outras. E agora, de onde tiraria os ovos?

Berton estava fora, trabalhando nas terras do feudo, trazendo feno. Miri sabia que quando ele retornasse, poderia contar com sua compreensão, mas isso não solucionaria o problema. Berton era um bom, forte e carinhoso homem, mas não era de dar muitas voltas às coisas. Mesmo que algo o incomodasse ele era feliz. Tinha uma família, e apesar dos problemas que davam, desfrutava dela, sobretudo depois de ficar confinada ao orfanato para senhoritas, onde se criou, e que era pouco mais que um reformatório.

Ela levantou a vista e viu seu irmão mais novo aproximar-se, e não era muito mais novo do que ela, há uma semana apenas ele tinha completado vinte anos. Era bastante alarmante que



não usasse sua capa de acólito e não subisse pelo caminho como usualmente o fazia, com seu comprido cajado. Mas, além disso, ele usava uma capa preta desbotada e coberta de lodo, e montava uma mula. Além do mais, a expressão de seu rosto... Seu sorriso era vazio. Parecia-se mais com um golem ² do que com um homem.

E se acaso isso fosse pouco, Arun sempre tinha tido uma luz interior que o destacava, e ela não conseguia vê-la nele agora.

Arun a viu e ousou sorrir, mas parecia vazio. Ele chegou junto dela. "Sinto ter perdido a cerimônia, irmã."

Miri sentiu que tinha que agir com calma e suavidade, visto que ele parecia um animal assustado. Ela somente queria levá-lo para dentro da casa e fazer com que ele se deitasse. Apesar de Berton não ser muito astuto ele entendia bem as pessoas, e ambos poderiam descobrir o que estava errado.

"Sei que os assuntos do templo lhe tomam todo o tempo, Arun. Estou feliz que esteja aqui, agora. Quer entrar? O bule ainda está quente."

Arun desmontou rigidamente, como se fosse um velho. "Montei a noite toda," disse ele tranquilamente. "Isso provavelmente não foi uma boa ideia, mas me sentia mal por não ter comparecido ao seu casamento."

Além de tudo, ele não vinha do templo, posto que vinha de uma direção diferente, que não estava tão longe, e por outro lado, no templo, não havia mulas como esta.

"Bem, se quiser descansar posso preparar-lhe a cama," disse Miri tão casualmente quanto podia. "Quando despertar, a sopa de folhas verdes que você tanto gosta estará pronta."

Sua nova cabana era pequena, somente um quarto com lareira e um abrigo na parte de trás, mas era um palácio comparado à sua velha cama em um quarto cheio de correntes de ar. Tinha uma grande cama, com postes e pesadas cortinas, as quais eles encontraram bom uso. Miri e Berton apreciavam a liberdade e a privacidade que finalmente ganharam.

² Golem, ser animado criado a partir de matéria inerte, segundo a mitologia judia.



Miri guiou Arun até o interior, notando o quanto era enorme e estranha à capa, como se o frio tivesse chegado quando ainda se encontravam na metade do ano.

Arun lavou as mãos e o rosto na bacia com rápidos e nervosos movimentos. Ele parecia inquieto e exausto, via-se em seu rosto e no cansaço de seus finos ombros. A ansiedade causou uma opressão em seu peito, mas ela tentou manter-se tranquila.

"Procure descansar, Arun. Eu cuidarei da mula, e tenho umas galinhas para encontrar. Se não se incomoda, espero que fique um tempo antes que o templo o chame de volta."

"Talvez um pouco mais do que você queira," Arun disse vagamente.

"Isso nunca vai acontecer," Miri lhe assegurou, e era o que ela queria dizer. Se seu irmão precisava dela, ela faria tudo o que pudesse. Ela colocou a desgastada camisa de dormir de Berton aos pés da cama. "Tente dormir um pouco."

Abençoou Miri, mas sem dúvida ela o questionaria depois. Arun tirou a capa e a pendurou em um gancho. Inspeccionou o pequeno quarto enquanto tirava a túnica. Estava presa à pele do pescoço, onde estava o pequeno contorno da ferida com crosta. Usou um canto de sua capa escura para umedecê-la na água da bacia e lavar o sangue. Havia sangue mais abaixo também, e a dor em seu interior trouxe-lhe à memória os eventos da noite anterior. Mesmo agora, à luz do dia, ao pensar no duro e frio pântano, ele não podia dizer que tinha sido terrível.

Quem sabe por isso mesmo era terrível.

Ele tinha sido violado por um monstro metade animal que se alimentava de sangue humano e que lhe tinha dado o mais intenso prazer que sentiu em toda sua vida. Isso fazia com que tudo o que pudesse sentir depois disso fosse uma pálida sombra dessa sensação.

O amuleto queimava-lhe e rasgava, e continuava amarrado em seu pulso. Tentou tirá-lo, mas o cordão tinha se entranhado em sua pele. Não conseguia libertar-se. Finalmente encontrou uma faca de segunda mão na cozinha de sua irmã e o cortou, raspando sua lívida pele no processo. O amuleto desprende sua pele ao retirá-lo, deixando uma marca parecida com uma queimadura.

Colocou os restos do amuleto dentro de um de seus sapatos e enfiou-se na limpa camisa emprestada. Pela primeira vez em dias, deixou que sua cabeça se sentisse quente, seca e pronta



para deitar-se tranqüilo e morrer, se fosse o que tinha que fazer para descansar. A dor atravessava seu corpo, fazendo com que seu estômago grunhisse com fome, mas sua mente estava agradecida por conseguir dormir.

Arun despertou ainda confuso, a boca seca e a mente nublada. Ele podia ouvir vozes baixas.

"Sua roupa tinha sangue," a voz profunda de Berton dizia.

"Isso não parece bom, absolutamente, mas estava ferido, além disso..."

"Além disso, o que?"

"Ele disse algo a respeito de ficar aqui, e essa roupa não é exatamente a que está acostumado usar."

Depois de uma pausa Berton respondeu, "Não, tranquilize-se. Todo mundo via que Arun seria sacerdote. E é só uma questão de dias antes de seu exame final."

"Berton, amor."

"O que?"

"Se ele os deixou, o templo..."

Berton suspirou. "Por mais que eu a queira para mim mesmo nestas quatro paredes, nunca poderia te afastar de seu irmão. Sei o que sente por ele."

Não era muito honesto não fazer barulho e escutar sem que se dessem conta. Arun se esticou, sentindo uma constelação de dor, desde suas têmporas até o tremor em suas pernas por ter montado a mula o dia inteiro. E mais outras partes que não estavam acostumadas ao duro e apressado tratamento. A palha do colchão rangeu e ele abriu as cortinas, encontrando ambos sentados em um banco em frente à lareira.

"Não se preocupe, Bert, não planejo me mudar para cá com vocês."

"Seria bem-vindo," Berton disse com sinceridade.

Não muito maior que Miri, Bert era um homem grande que desfrutava dos prazeres honestos, executando pouco apesar das longas horas que passava trabalhando nas terras de Jeryl.

"Por que não nos diz o que lhe aconteceu?" Berton acrescentou.



"É... *"Fui enfeitiçado para ser irresistível e sodomizado por uma besta monstruosa. E amei tanto que tenho que pensar se sou capaz de apresentar-me puro diante do Senhor do Fogo.* Bom, isso realmente não era algo que se pudesse dizer para sua irmã. "Eu, um... Só não acredito que possa passar por isso."

Berton inclinou-se para ele. "É um pouco parecido com casar-se, sabe. Você se compromete e fica bastante nervoso quando o grande dia se aproxima. Mas vale a pena."

Os recém-casados trocaram um sorriso que sugeria que eles se completavam de todas as formas possíveis. Arun se inclinou, sentando-se na beira da cama. Por mais que apreciasse os esforços que estavam fazendo, comparando servir o Senhor do Fogo a dormir com sua irmã, era apenas uma imagem tranquilizadora.

"Eu, talvez. Só precise de um tempo fora e... consiga entender... Suponho que irei à cidade em breve."

O sorriso de Berton desapareceu. Ninguém poderia tomá-lo por um homem brilhante, mas ele era diabolicamente sagaz para ser enganado. Felizmente, também era amável para continuar pressionando-o com o assunto. "Você quer ser um Sacerdote do Fogo, Arun. Não se polua nem perca isso de vista."

A intenção de ser sacerdote? O que o torna tão claro? O fato de que não reúno os requisitos ou minha natural frigidez sexual?

Berton se inclinou para ele. "Mas se perder isso de vista, é bem-vindo aqui por um dia ou para sempre. Ainda há trabalho nestes lugares para quem queira."

Arun sabia que seu humor não deprimia Berton. Ele era um bom homem, e se seu conselho era simples, era somente porque Arun não lhe tinha confiado toda a verdade.

"É por causa de alguma garota?" Miri soltou.

"Não," Arun respondeu, ofendido.

"Um rapaz?" Berton acrescentou.

Dado que Arun havia somente considerado que não era mulher, ele tinha renunciado ao Senhor do Fogo, e a intuição de Berton o irritou um pouco. Talvez fosse o momento de deixar de considerar Berton agradável. "Não, tampouco é um homem."



Provavelmente foi pelo seu tom de voz, mas eles se conformaram e o deixaram assim, por hora. Depois de tudo, ele havia pensando muito sobre o fato de que o monstro vestia e falava como um homem. A mente de Arun foi muito fácil ao tema do wolfkin. Ele podia ver agora que tinha sido injuriado e talvez terminasse sozinho naquele triste pântano. E o que tinha feito? Matar alguns animais. Até recentemente, o fato de que o wolfkin fosse uma criatura da noite, mais besta que homem, era prova suficiente. Mas agora Arun se pegava pensando que o domínio da noite não era somente do grande crocodilo, mas também do rápido antílope. Nem mesmo os ratos são maus só porque fazem seu caminho durante a noite. E finalmente, Jeryl fazia coisas realmente ruins para ser uma besta.

Afinal de contas, o wolfkin podia ser apenas um diferente tipo de homem, depois de tudo. Talvez o tirânico Lorde do feudo o tivesse chamado para apanhar o monstro, equipando-o com tudo para que saísse ileso, mas havia mais naquela história do que o velho Jeryl, ou seu homem Perrin, disseram-lhe.

Arun sentiu-se um pouco mais forte com isso, porque se alguém merecia saber toda a história, esse alguém era ele. Então ele podia simplesmente ir procurar.

Miri e Berton foram a melhor companhia. Eles lhe falaram de tudo o que tinha acontecido na vila desde sua última visita, e lhe reprovaram por seu mau humor. Eles insistiam para que Arun lhes explicasse suas dúvidas, mas não exigiam quando ele se negava.

Na manhã seguinte, a pálida mula soprou mal-humorada ao vê-lo. Mas era uma besta bem treinada e se deixou preparar. Berton já tinha saído para cumprir suas obrigações, mas Miri o olhava com uma insatisfeita expressão em seu rosto. Ela claramente não estava feliz por ele ir sem uma explicação, e ele não podia culpá-la. Ele nunca tinha tido segredos antes com sua irmã, provavelmente porque ele nunca tinha tido um para guardar. Seria muito mais fácil se ele pudesse mentir e dizer que, depois de tudo, tinha mudado de opinião.

"Por que vai renunciar ao que sonhou por tanto tempo?" ela perguntou.

"Apenas não consigo me ver como sacerdote, neste momento." Evitou olhá-la no rosto.

"E não quer me explicar por que a crise chegou agora, depois de tantos anos de estudo e treinamento?"



Arun esticou a cinta dos arreios e colocou a capa sobre os ombros. Ele queria subir suavemente na montaria, mas suas pernas falharam e ele só conseguiu ficar na beirada. Dificilmente tinha sido um cavaleiro nato em seus melhores tempos, e alegrou-se que a alta mula ficasse esperando que ele se sentasse, com ar de aborrecida paciência.

Miri o olhou. "Pode me fazer uma promessa, irmão?"

Arun sentia ansiedade quando a olhou. "Qual?"

"Antes de tomar uma decisão final, poderia falar com seu confessor?"

"Miri..."

"Você pensa que eu não entendo o que um homem pode ou não pode, deve ou não deve, ao fazer sua escolha. Bom, você falou com Lanner muitas vezes. Ele o guiou durante seu tempo no templo. Pode falar com ele uma vez mais antes de tomar uma decisão definitiva?"

Arun olhou para o caminho que tinha em frente e o panorama que teria. Lanner era um sacerdote dedicado que tinha ensinado a Arun tudo o que sabia, desde ler os textos sagrados até as coisas mundanas, como habilidades com as plantas e os animais, desde atender o nascimento de ovelhas até compilar e preservar sementes nas frias covas do armazém. O medo que ele sentia de falar com Lanner era o medo de saber a verdade. Bom, se Lanner lhe dissesse que se comportou mal ou que ele estava maldito pelo que tinha feito, provavelmente era melhor sabê-lo com certeza.

"Eu vou falar, Miri. Vou falar."

Enquanto ele urgia a mula para que avançasse, Miri chamou-o, "E sem importar o que o confessor diga, volte aqui, conosco."

Ele a olhou sobre o ombro e sorriu, como se lhe respondesse, mas não prometeu.

Poderia ter sido amanhã. A eleição. Esse era o dia do Grande Passo, o dia em que o palácio do Senhor do Fogo se aproximava da terra e se inclinava para escolher a quem pudesse lhe servir. Arun normalmente teria subido o caminho da vila até a cidade e ir além, para ir ao templo a pé, mesmo que levasse o dia todo. Mas montado, estaria lá por volta do meio-dia, e estava preparado para enfrentar o que fosse seu destino.



A vila era dominada desde a alta e fria colina por Jeryl. De um lado tinha construído uma torre de pedra entre os verdes campos que a rodeavam. Na base inferior estava o templo e seus jardins rodeados de bosques, e os terrenos de caça particulares de Jeryl.

Consciente de sua promessa e resistente em apresentar-se não adequadamente vestido frente aos outros acólitos, Arun pegou um atalho através do bosque. Era mais um caminho para cervos que para homens. Ele o levaria pela linha da montanha à parte leste do templo, uma pequena área que se usava para cultivos. Ao meio dia, Lanner certamente estaria em algum lugar de seu jardim botânico.

Arun guiou sua tranquila mula, a coisa mais valiosa que já havia tido, e mesmo assim, evitou as ervas e plantas comestíveis e levou a mula rodeando os grandes arbustos. Arun tratou de afastá-la deles, mas a mula parecia ser aparentada com um cavalo forte, decidida a fazer qualquer coisa, e realmente não havia algo que um debilitado humano pudesse fazer. Arun estava começando a pensar que a mula não lhe tinha muito carinho.

"Olhe, estúpida besta. A planta é um diurético, sabe." Tratou de afastá-la da diferente erva cinza-verde. "Não vai querer ficar urinando a noite toda, não é assim?"

Uma tosse desaprovadora fez com que se virasse. Lanner estava com uma tesoura de podar em uma mão e um punhado de ervas para a febre na outra. "Ouvi que queria me ver," disse o sacerdote, ligeiramente.

Igual a muitos sacerdotes, Lanner não podia dizer o nome de Lorde Jeryl. Ele não pensava bem do Lorde da terra, posto que seguia caminhos licenciosos e ambiciosos. Havia todo tipo de histórias a respeito do que Jeryl fazia nos quartos escuros onde mantinha retida a bruxa, e ele certamente não ia muito ao templo. Inclusive havia rumores de que ele poderia começar a cobrar impostos do templo. Como sofriam pela falta de um nobre protetor, não estavam em condições de sustentar aquela demanda.

"Mas isso foi há uma semana." Lanner acrescentou enquanto se virava, deixando que a declaração tomasse seu lugar sobre qualquer pergunta sobre o assunto.



A mula seguiu Lanner naturalmente; ele tinha esse efeito nos animais, apesar de que ele não entendia, mas também era bom com as pessoas. Lanner se parecia com qualquer outro sacerdote, mas ele era mais amadurecido, tinha um frio e cético olhar que ninguém mais tinha.

Arun desceu da mula quando chegaram à frente de um seco abrigo. Lanner se sentou em um banco e começou a separar as ervas, por classes, amarrando-as em seguida com um desfiado cordão.

O único convite que efetuou Lanner foi sentar-se no lado direito do banco, como esperando que alguém se unisse a ele, ou demandando sua presença. Arun amarrou a mula longe de quaisquer das ervas.

Enlaçou as mãos à frente e se recordou que Lanner era um homem estrito, mas também sempre tinha sido um homem justo e preocupado pelos atos que o Senhor pudesse desejar: com justiça.

Com seus olhos dirigidos às suas mãos firmemente unidas, Arun contou-lhe sobre o que lhe tinha acontecido, simples, mas sem omitir nenhum feito. Terminou de falar e o único som que se ouvia era o ritmo de Lanner cortando e atando as ervas para a febre, o laço passando entre seus dedos como uma obediente serpente.

Lanner chegou ao final e o silêncio se estendeu. Muitas vezes, quando Arun se confessava, ele tinha tido que esperar. Na maioria das vezes, quando Lanner considerava algo, não se apressava, e pesava as coisas cuidadosamente. Não era de se surpreender que esta particular história provocasse um silêncio maior.

"Há muita coisa por trás dessa porta," disse Lanner. "Só que isso deve ser pior."

"Acabei pensando que o wolfkin poderia não ser o monstro," Arun disse vacilante.

Lanner virou-se para ele, seus frios olhos brilhavam e seu rosto se enrugou. "O wolfkin é uma criatura maldita. É um aborto da luz de nosso Senhor e o ser abraçado pela natureza da besta, está muito além da salvação. Isto quer dizer que você não pode ser escolhido e que todos os meus esforços por você foram desperdiçados."

Arun sentiu que seu rosto congelava. De algum modo furtivo ele esperava que Lanner pudesse arrumar as coisas. Depois de tudo, nada daquilo foi culpa sua, Arun não tinha agido



por egoísmo nem por outra razão qualquer que não fosse ajudar os outros. A grande dúvida que albergava não era que tinha maculado sua castidade, a não ser como ele tinha tratado o wolffkin, que ele suspeitava que era menos monstro e mais homem do que se podia supor. Seus pensamentos se mantinham nisso. Em seus negros olhos e sua pálida pele emergindo da água, igual a um espírito da natureza, e depois...

Mas Lanner se ordenou sacerdote e... Arun estava muito consciente disso. Ele não tinha nenhum lugar depois disso? Não havia maneira para poder seguir adiante daqui, não quando Lanner se apressou a dizer-lhe que não estava preparado para ele. Qualquer outro homem teria tratado de lhe dar um pouco de conforto, mas Lanner só continuava cuidando de suas ervas. Nada mais o preocupava além dos interesses de seu sacerdócio. No momento em que Lanner foi atribuído como seu confessor, Arun tinha lutado por viver com os altos padrões de Lanner, de dedicação e devoção ao seu Deus. Sentado ali no banco ele considerou, pela primeira vez, que havia outras coisas que Lanner nunca lhe tinha devotado. Arun estava perdido para o sacerdócio e já não era útil para Lanner.

Enquanto Lanner continuava no abrigo de secagem, Arun desamarrou a mula e a montou, incitando-a a seguir no caminho antes que o sacerdote retornasse. Aquele não era o único lugar ao qual queria ir.

O templo tinha dúzias de construções e centenas de quartos. Na parte central estava o templo em si mesmo, mas também havia muitas pequenas capelas. Uma pequena e isolada capela que se encontrava no topo da colina. Uma vez tinha sido um lugar privado para a devoção dos mais piedosos senhores da fortaleza, mas há muitas gerações tinha caído em desuso. Era um tranqüilo e poeirento quarto cavado na pedra da colina e tendo como acabamento blocos de granito. Dentro da descuidada capela havia móveis descartados, velhas ferramentas empilhadas desordenadamente, deixando apenas espaço suficiente para se chegar ao altar.

Arun tinha chegado ao templo quando era pouco mais que um menino, e encontrou esse lugar quando queria se esconder da solidão que o afligia ou das muitas brincadeiras zombeteiras dos outros acólitos. Mas no fim, este quarto se converteu em algo mais do que isso.



Pequenas e altas janelas deixavam o corredor na escuridão, mas mesmo assim iluminava a estátua no final. A dourada pintura cobria a incomum escultura que mostrava o Senhor, não em sua convencional forma de disco ou esfera com raios, mas em forma humana. O artista o mostrava como um homem jovem, de cabeça baixa, os olhos meio fechados e uma benevolente tristeza. Arun se sentou na primeira fila, a única que estava limpa, e olhou cuidadosamente a imagem do Senhor e seu benfeitor.

Além da figura, as palavras tinham sido gravadas nos painéis das paredes: sua voz interior é a minha.

"*Sua voz interior é a minha.*" Esse foi o ponto de todos os longos anos de formação, desenvolver uma consciência, uma intuição da virtude que pressagiava a inspiração de um Deus. No momento em que ele fizesse sua eleição, não significava que tinha que depender da guia dos senhores sacerdotes que presumiam conhecer os verdadeiros desejos do Senhor tão bem quanto nenhum homem podia, mas sim, escutar o murmúrio de sua voz.

Arun sentou-se tranquilamente no vestíbulo. Ele nunca poderia ir à seleção. Ele nunca poderia ouvir a voz do Senhor do Fogo ou sentir o peso de sua estima. Mas nesta capela ele podia ouvir o eco de sua voz interior formando e reafirmando a Lanner a maioria das regras do templo. Arun se sentia totalmente sozinho, mas a voz estava ali, e o absoluto coro do credo que ouvia lhe dizia que ele tentou, sem se importar com o quão imperfeito ele era, que fez o que sentiu que era realmente o correto.

Ele podia determinar egoistamente o que tinha perdido, mas sua consciência doía por causa do wolfkin. Seu instinto lhe dizia que, sem dar importância ao que todo mundo pudesse dizer, ele sabia que não era correto. Ele tinha entregado o wolfkin... a ele, Jeryl. E ele sabia que Jeryl era um homem de muito poucas virtudes. Assim, mesmo sem conhecer o wolfkin, Arun sentia que ele provavelmente havia se equivocado ao entregá-lo a alguém como Jeryl. Ele precisava certificar-se.

Capítulo 3



Havia um extenso e inóspito penhasco cheio de matagais e escombros ao redor da área que separava o templo da base do seguinte. Arun tinha tido muito pouco tempo para tecer um plano, exceto que o wolfkin provavelmente estaria nos calabouços, e estes ficavam na parte inferior do templo situada no topo do vale. Talvez a vista ajudasse o patife a refletir e arrepender-se. O caminho era inclinado, mas não perpendicular. Deixou a mula, sabendo que esta tinha suficiente senso comum para retornar para Lanner ou para qualquer outra pessoa que pudesse encarregar-se dela.

Várias vezes, com o passar do dia, Arun se perguntou como subiria o inexpugnável caminho. Quanto mais caminhava mais difícil ficava, até que afinal chegou a uma área quase vertical de rochas desintegrando. Era arriscado tentar subir por ali com a luz do dia, alguém no complexo poderia vê-lo. Mas se esperasse até a noite, a tarefa, já por si formidável, poderia tornar-se impossível.

Já estremecido pela fadiga e pelas outras dores, Arun cobriu o último lance com arbustos de espinhos e ervas. Sua memória se entretinha com a imagem do wolfkin saindo do pântano na primeira vez que o viu, estranho, esfarrapado e magnífico. Era como se essa lembrança estivesse impregnada em seu sangue. Seus pensamentos, seus sentimentos, sua essência, entravam em conflito entre o impulso de confiar no monstro ou em uma vida de obediência. Somente podia orar por fazer o que era certo. A possibilidade de ver o wolfkin de novo aumentava sua urgência. Era um impulso que chegava ao mais profundo de sua alma, uma parte com a qual ele normalmente não entrava em contato.

"Senhor, se minha silenciosa voz é realmente a sua voz, espero que possa abençoar meus esforços e me guiar."

Fracamente, Arun baixou a cabeça e esperou que a escuridão chegasse, recuperando suas forças. Lentamente, a paz em seu coração crescia. Sentiu que os últimos raios de sol começavam a esmaecer, sentindo-os ainda na parte de trás de sua cabeça e pescoço. Ele esperou até que a luz ficasse fraca, mas suficiente para poder escalar. O curto descanso o ajudou a se recuperar. O sino chamava as pessoas para o jantar, e teria pouco tempo enquanto os cuidadores do templo estivessem ocupados para olhar para a brumosa colina.



Sentiu-se assaltado por um novo vigor. Seus dedos se cravavam entre as rochas, tentando encontrar um lugar suficientemente firme para sustentar cada um de seus trêmulos passos. Não ia olhar para trás, e certamente não olharia para baixo. Nenhuma voz real, sem palavras: somente pensar no wolfkin o animava. Igual a um desajeitado esquilo subindo em uma árvore, conseguiu escalar a desintegrada face da colina, e finalmente chegou a uma pequena cornija na base da construção, de tamanho suficiente para colocar seus pés. Lentamente virou-se na beirada até ficar de costas para a parede. Seus pés ficaram perto do precipício. Tinha conseguido subir com relativa segurança, mas se caísse, não poderia deter-se até chegar ao duro fundo.

Um olhar à distância para o profundo vale perfurou sua confiança. Representava tudo que era familiar em sua vida, mas ficaria para trás. O coração de Arun cambaleou, e um suor frio percorreu todo seu corpo. Dificilmente acreditava ter chegado tão longe. A coragem que o motivou não parecia ser a sua.

E então ouviu uma familiar, fraca e áspera voz. O wolfkin.

"Não posso torná-lo um dos nossos."

Então houve ruído de correntes e o som do impacto de carne sobre carne, um forte golpe sobre a pele úmida.

"Então você dirá ao nosso Lorde Jeryl." Perrin respondeu . "Só que ele tem certeza de que está mentindo. E nosso Lorde Jeryl tem maneiras de saber o que outros não sabem. Ele tem maneiras."

A voz do wolfkin era fraca enquanto respondia, "Nós somos uma raça, nascemos como somos. Um humano não pode ser um de nós."

Arun girou cuidadosamente na cornija³ para ver pela arqueada janela. O quarto estava iluminado com duas velas cobertas com esferas de vidro, que aumentavam seu brilho. O wolfkin estava nu, os restos de sua roupa se encontravam em seus pulsos e pescoço. Grossas

³ O elemento arquitetônico **cornija** é uma faixa horizontal que se destaca da parede, a fim de acentuar as nervuras nela empregadas. Conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquitetura.



correntes e grilhões o cobriam, e surpreendentemente, não eram feitas de ouro. Escondeu-se para frente, puxando as correntes, olhando para o capitão da guarda que estava de costas para Arun. A expressão no fino rosto do wolfkin era ambígua. Cautelosa, defensiva, mas não derrotada. O suor brilhava em sua pele e descia por seu queixo.

"Ele é um homem velho," disse o wolfkin tranquilamente. "Ele não demora a morrer no tempo que foi atribuído ao homem."

Não havia dúvida que essas palavras eram de um homem civilizado. Arun sentiu a culpa oprimir seu coração, e outros sentimentos que era difícil serem divinos.

Perrin chutou o wolfkin. Ele puxou as correntes, mas não conseguiu libertar-se. As pontas fixadas com metais no teto foram puxadas. O wolfkin se viu forçado a pressionar-se contra a parede com suas mãos sobre a cabeça, aumentando a pressão em sua garganta.

A confiante expressão do wolfkin mostrou um breve brilho de medo. Os últimos brilhos de sol iluminavam seus ombros, fazendo com que seu cabelo brilhasse como um halo. Sobressaltou-se ante a ligeira luz. Perrin começou a virar-se e Arun afastou-se, mas ainda assim pôde escutar:

"Tem até o amanhecer para revelar o verdadeiro segredo de sua natureza, ou morrerá com ele."

As correntes caíram de novo. Então se ouviu o forte ruído da porta raspando o chão. Arun fechou as mãos sobre os blocos da parede, olhando de novo.

O wolfkin inalava profundamente, virando-se para a arqueada janela. "Ah, nos conhecemos antes, acredito." disse suavemente.

Arun se inclinou e tentou não pensar no vento e no abismo a suas costas. Ele tinha ido buscar a verdade, tinha chegado muito longe para isso, e agora ele não iria embora. Aferrou-se à pedra, grudando sua face e aferrando-se com os dedos. "O que fazia nos pântanos?" Arun perguntou.

"Agora que você pergunta?" o wolfkin replicou, com uma risada seca. "Não parecia interessado em conversar, antes. Perguntei-me o mesmo sobre você, e deveria tê-lo conhecido melhor antes de ignorar minhas suspeitas. Mas fui fraco. Eu o procurei por tanto tempo, e



talvez estivesse preparado para pensar que podia ter encontrado o que estive procurando. Por fim eu o tive."

Arun fechou os olhos e se apoiou contra a áspera pedra da janela. Realmente não conseguia acompanhar o que o wolfkin estava lhe dizendo, mas vê-lo assim: nu, majestoso e indefeso, fazia seu coração palpitar mais forte. "Sugiro que responda minha pergunta." Arun tentou fazer com que sua voz soasse firme, mas saiu fraca e insegura.

Depois de uma longa pausa o wolfkin suspirou e flexionou os braços contra suas restrições. "Viajava pelo caminho branco para minha casa na cidade de Shireen. Eu estava inquieto procurando desculpas para viajar. Tinha ido à cidade-estado de Garrett, na costa. É onde está minha irmã e a maior parte do tempo eu viajava sozinho e fui suficientemente idiota para me apaixonar, não, talvez não nessa ordem. Sabia que as terras baixas não são lugar para ninguém de nossa raça, assim viajei depressa. Mas fui atacado, e mal consegui escapar para o interior do pântano. O que estava fazendo ali? Estava tentando me esconder dos homens de Jeryl e de sua infernal bruxa.

Jeryl sem dúvida queria o wolfkin para poder ter uma longa vida daquela maldita forma. Os wolfkin e outros tipos de bestas e demônios, dizia-se que viviam em Shireen e terras montanhosas mais à frente, e nas cidades-estados ao norte, onde havia muitos diferentes. A história do wolfkin tinha sido direta e totalmente certa. Foi Arun, que tinha utilizado a magia, e que certamente não era do agrado do Senhor do Fogo, que conseguiu capturar o wolfkin.

Ele tinha tentado fazer o que era certo.

Arun sentiu perder o que lhe sobrava de força, a última parcela de confiança. Esticou-se e olhou a última luz desaparecer, equilibrando-se na fina cornija. O sol estava desaparecendo, deixando apenas um último tom escarlate. A noite seria fria e escura. Tomou uma profunda respiração e seguiu pela cornija, rodeando o edifício.

Ele ouviu o wolfkin chama-lo com um grosso murmúrio, "Espere. Volte aqui."

A voz quase o deteve. Sentia em seu interior invisíveis dedos fechando-se ao redor de seu coração. Mas ele tinha um plano, e o seguiria. Arun chegou a salvo ao chão, mas encontrou um novo perigo. À porta principal do pequeno pátio Arun se endireitou tudo o que pôde,



dirigiu-se à porta e bateu. Quando o guarda respondeu, ele entrou empurrando. Aquilo era contra sua natureza, mas Arun tinha visto como os nobres e altos oficiais do templo percorriam seu caminho com arrogância e fanfarronice. Ele agiu igual apenas para poder fazer seu trabalho.

"Lorde Jeryl requer que interrogue à criatura." Estalou os dedos e acrescentou "Chaves dos grilhões, se fizer o favor."

"E quem diabos é você?"

"O melhor bruxo de que dispõe seu caduco Lorde para fazer isto. E então, fará o que quero ou se interporá entre o velho Jeryl e seu padre?"

O guarda duvidou, mas então, baixou a cabeça e aceitou. Tinha sido apenas um blefe, mas as pessoas não estavam inclinadas a desobedecer ao poder de Jeryl, ninguém questionaria isso. As consequências por incomodá-lo eram severas. Arun deteve-se frente à cela enquanto lhe abriam a porta. Havia somente um guarda, e talvez Arun e o homem besta juntos pudessem neutralizá-lo, mas o certo é que ele não tinha pensado nada além desse ponto.

O wolfkin parecia fraco agora. Ao aproximar-se, Arun pôde ver as inchadas e úmidas feridas que cobriam a pele de seus ombros. Seu cabelo pendia em meadas secas. Mas sua nudez continuava poderosa e grossas linhas de pelo desciam por suas costas e pernas. Arun sentiu uma alarmante reação ante a proximidade da criatura, que lutou por esconder. O wolfkin olhava Arun com uma fraca confusão. Esperou que o guarda se afastasse da porta e que seus passos retornassem ao seu posto na única entrada.

Os dedos de Arun tremiam com as pequenas chaves, mas finalmente encontrou a que queria. Inclinou-se cuidadosamente para os grilhões e os abriu. O wolfkin se sacudiu livre e se afastou dele e da moribunda luz do entardecer.

"O que você quer, bruxo?" Sem dúvida tinha ouvido Arun referir-se a si mesmo por esse nome. E ele tinha razão para pensar que Arun utilizava artes negras.

"Há alguma possibilidade de neutralizar o forte guarda?" Arun viu que o guarda saudava outro homem que chegava à porta. "Maldição," disse. "Muito em breve teremos que sair daqui, não estou mentindo. Precisamos sair daqui."

"Podemos sair por ali?" O wolfkin assinalou a janela.



"Mesmo que pudéssemos escorregar pela janela, não é provável que consigamos descer na escuridão, e precisamos sair do edifício."

"Dê-me seu sangue, menino. E a parede não será nenhum problema. Meu tipo tem uma força que você apenas pode imaginar se estivermos, como se supõe que devemos estar, como um casal destinado. E quanto mais perto estiver de mim, será mais forte do que possa sonhar, e não é somente magia, é você."

Arun realmente não conseguia acompanhar as palavras do wolfkin. Era difícil entender o que ele dizia, mais ainda quando a atenção de Arun estava na conversa entre os dois guardas. Seu tempo era muito limitado, e embora Jeryl pudesse estar inclinado a esquecer a transgressão de Arun, estava claro para ele agora que este homem não era uma criatura maldita, pelo menos não só isso. Ele conseguiria que ambos saíssem disto, e se seu sangue era o que necessitava para isso, somente podia esperar que tivesse suficiente reserva.

"Se for necessário," Arun disse.

Ele e o wolfkin se aproximaram cautelosamente. "Você cheira a medo," o wolfkin disse.

"Vamos logo com isto." Arun fechou os dedos ao redor do musculoso antebraço do wolfkin, sentiu o calor de seu corpo nu e lutou por suprimir as lembranças que o preenchiam. Ele não sabia o que esperar, mas sentiu uma instantânea ascensão da luxúria que enfraqueceu seus joelhos quando os lábios de wolfkin tocaram ligeiramente sua pele. Mas Arun afastou-se para longe, e foi cambaleando contra a parede. Sua mão, que recentemente empurrava para afastar a criatura, agora lutava por segurá-lo contra ele. Ele não entendia, mas havia algo entre eles. Ele sentia com intensidade.

O wolfkin sacudiu a cabeluda cabeça. "Espero ter força suficiente sem me alimentar. Somente por saber que nossas vidas dependem disso," ele disse. "Sinto que a farsa tenha causado sua volta, mas por favor, creia-me, nunca poderia lhe fazer mal."

Arun não entendia por que ele abruptamente o rechaçava, mas o wolfkin não parecia inclinado a discutir mais nada. Ele se afastou e examinou as pedras, pressionou a mão contra a argamassa das pedras que algum dia acomodou uma grande janela, e agora mais pedras pequenas se afrouxavam. O wolfkin continuou empurrando as grandes pedras e por um



momento não foi além de um pouco de pó. Com um grunhido se esticou e trocou de posição, e depois de um esforço maior as pedras caíram pela borda. Uma série de ruídos se ouviu retumbar enquanto as pedras rodavam por todo o caminho. Outras pequenas pedras caíram no interior.

O wolfkin olhou para o penhasco. "Subiu por aqui?" exclamou.

"Sim, subi." Arun estava assombrado pela mostra de força do homem que deveria estar esgotado ou totalmente exausto. E quando o wolfkin virou-se e falou, ele era, apesar de tudo, um homem, não tão diferente de qualquer outro. "Agora será melhor que saíamos daqui."

As nuvens tinham descido e a névoa cobria os últimos rastros de luz na escuridão. Eles saíram arrancando pedras pelo caminho. O wolfkin alcançou Arun, pegando-o firmemente pela cintura. Arun se esticou, mas estava muito surpreso para protestar. O wolfkin o sustentou, e baixaram com uma força que ia além da de qualquer humano, parecia claro que enxergava na escuridão. Arun tinha pouca escolha além de ser sustentado firmemente por seu companheiro.

Altas vozes deram o grito de alarme, e as tochas foram acesas na construção por outros guardas que responderam aos gritos.

Arun lutava por segurar-se na pedra em que se encontrava. "Solte-se," o wolfkin esclareceu. "Francamente, é mais fácil carrega-lo como se fosse um peso morto."

Aquilo dificilmente era uma promessa. Embora Arun começasse a perguntar-se se tinha cometido um terrível engano.

De novo.

As luzes começaram a acender ao redor do templo. Quando chegaram à zona dos matagais que cobriam a montanha, Arun pode ver claramente que não havia saída. Então algo o golpeou. Sacudiu-se no braço do wolfkin. Estavam em um nível em que ele podia ficar de pé.

"Siga-me." Arun disse.

O olhar do wolfkin ia do penhasco ao templo antes de ir para o bosque além da costa.

"Os cães irão para o bosque. Aqui há uma passagem que atravessa as covas. Muito escuro e complexo para que o encontrem sem ajuda, não poderão nos seguir. As cavernas



passam por debaixo do templo. Eles não nos buscarão aqui; pensarão que ficamos presos entre o templo e os perseguidores.”

O wolfkin continuava de pé, olhando-o. Arun estava sentindo o frio da noite. Apenas sabia que tinha destruído qualquer possível oportunidade de ter uma vida livre neste feudo. Estava frustrado em aceitar que suas palavras obviamente fossem de dúvida.

“As superiores são usadas para armazenar sementes e raízes, porque apesar da umidade, são frias.” explicou com tensa calma. “Explorei estas covas quando era menino, um menino não muito popular e solitário. Ali há uma passagem para sair, somente conhecida por poucos. Portanto, é para onde vamos.”

Virou-se e, coxeando, se afastou, seu joelho ainda lhe doía de um golpe contra o penhasco, esperando por seu Senhor que o wolfkin pudesse segui-lo. Depois de tudo isto, ele queria que o wolfkin fugisse com segurança. E para ser honesto, ele queria que o fizessem juntos, só um pouco mais. Não tinha idéia até onde poderiam ir se escapassem de seus perseguidores. Ele continuava sozinho quando chegou à entrada da cova de sementes, coberta por uma grossa pele. Mas teimosamente continuou, coxeando, sem olhar para trás.

Estava frio e muito escuro no interior. A pequena cova estava cheia de sementes dos principais cultivos, e barris, jarras de barro e prateleiras abertas com cada tipo de semente, raiz, tubérculos, ervas, árvores, inclusive plantas florais de jardim.

Havia altas prateleiras com um grande número de barris pequenos do tamanho da cabeça de um homem. Essa era a coleção e legado de Lanner. Sementes de todo tipo de ervas úteis, secas e guardadas em cilindros de tecido. Com um desses poderia restaurar um jardim botânico se um longo e duro inverno, ou qualquer outra catástrofe, o destruísse.

“Bom, se já caí em pecado, de qualquer forma, por que não acrescentar um pequeno roubo?”

Arun pegou um barril do legado e colocou-o sob o braço. Era algo valioso, algo que poderia usar. Lanner ainda tinha outros, se fosse necessário. Os barris eram réplicas em seu conteúdo e o jardim não tinha uma ameaça direta de extinção. Quando começou com relutância a continuar pela passagem, um ruído o fez voltar-se. O wolfkin deslizava a pesada cortina. Arun aproximou a mão da áspera parede do corredor, sentindo pânico. Divertido ao ver que



era somente o monstro troca-formas, deu-lhe uma sensação de alívio, e talvez até mais do que isso.

"Eu que deveria guiar o caminho," disse o wolfkin.

"Você não conhece o caminho, wolfkin." Secretamente, ele agradou-se por não estar tão obviamente intimidado enquanto ele continuava guiando. Arun sabia que era uma longa, úmida, estreita e incômoda passagem, e apesar de que ele freqüentemente o tinha percorrido na escuridão absoluta, tinha sido há anos, e precisava recordar a rota firmemente em sua mente. Ele guiou pelo caminho cautelosamente, orando para que sua memória não falhasse e pudesse encontrar a velha saída entre os familiares caminhos na passagem.

"Trae," disse o wolfkin, querendo que ele soubesse seu nome.

"Arun."

E presumindo que se apresentaram apropriadamente, continuou o caminho pela estreita passagem. Esperava que fosse adequado para um menos que gigantesco wolfkin. Tinham um longo caminho a percorrer.

Na escuridão, cada som se ouvia forte, e o som atrás dele não era o de um homem nu, sem importar a estranha forma que tivessem suas mãos e pés. Era o ruído de patas e garras percorrendo o caminho.

"Trae?" deteve-se e se virou. O nome parecia desajeitado em sua língua, muito comum. Aquilo não tinha nada a ver com a subterrânea escuridão, e o gutural som que recebeu como resposta não era humano.

Apertando os dentes contra o iminente pânico, Arun continuou através do escuro percurso, segurando o barril diante dele. Tentou não pensar muito a respeito das quatro patas e as presas da criatura, e o que elas poderiam fazer com ele se ficasse menos amistoso do que esperava.

Não tinham percorrido muito e a passagem pareceu estreitar-se. Viu que Trae lutava e apalpava o caminho com sua forma aparentemente muito menor que sua forma humana. Antes que trocasse a sua forma humana e antes de terminar a estreita seção, Arun se deteve para descansar um momento. Não havia muito espaço, somente o suficiente para que Trae, em sua



forma de besta, pudesse subir nele. Era tão tangível agora, uma criatura de uma maneira não humana. Mas Arun passou seus dedos pelas costas de Trae, sentindo o abundante cabelo de seu pescoço e ombros. Mesmo com esta forma se sentia aliviado de tê-lo com ele. Mas, que tipo de liberdades estava tomando ao acariciar um homem como se fosse um cão?

"Estamos quase chegando." Arun falou, olhando o céu.

Depois de um longo percurso, Arun subiu com um suspiro de alívio para dentro de uma câmara apenas iluminada pela pálida luz da lua. Logo que chegaram a essa área, conseguiu sair do caminho e virou-se.

O grande lobo lutou por entrar na caverna, olhando para cima ele viu o céu noturno. Alcançou uma subida íngreme, mas pequenas árvores e trepadeiras lhes davam um pouco de suporte. O lobo se aproximou lentamente. Tinha uma grande cabeça e pelos mais compridos que o de um lobo normal cobriam sua cabeça e os largos ombros, e parecia mais a juba de um leão. Ele trocou de forma sem nenhum esforço, como uma criatura para a qual era natural. Então virou Trae de novo. Seu pálido rosto e o torso nu, com vestígios de pelos ainda nos ombros e na coluna, e o comprido cabelo que chegava aos ombros. Olhou ao redor cuidadosamente, alerta, até que estivesse claro que estavam sozinhos na caverna.

"Era mais fácil em quatro patas," Trae disse, distraidamente.

Arun deixou o tonel a seus pés e esfregou as palmas das mãos. Ardiam-lhe os cortes e hematomas em seus joelhos e cotovelos, que eram corriqueiros somando-se ao catálogo de dores e moléstias. Sua roupa estava úmida e lamacenta, e todo seu mundo estava caindo.

Trae foi para perto dele e colocou um braço ao seu redor com presunçosa facilidade. Colocou sua face contra um lado da cabeça de Arun e respirou profundamente, inalando o aroma dele. O corpo de Trae era quente, como se estivesse em frente a um resplandecente fogo. Ele parecia tão familiar, quase possessivo com Arun. Qualquer que fosse a razão, seu toque era reconfortantemente encantador.

"Para onde vamos agora?" Trae perguntou.

"Para longe. Prometi a minha irmã que iria ter com ela, mas somente levaria o perigo à porta de sua casa. Se fizer algo para que acreditem que escapei, possivelmente Jeryl não pense



em envolvê-la, nem a ninguém mais." Mas ele sentia dificuldade até mesmo em dizê-lo. E se sua hipótese estivesse equivocada?

"Usualmente, é sábio fugir deixando o menor número de rastros possíveis," Trae disse, com uma escura diversão. "Quer dizer, se você realmente quer fugir."

"Você foge à sua maneira e eu à minha." Arun se afastou com relutância. Uma grande parte dele queria retornar ao abraço e... fazer o que fosse que alguém faz em uma situação como esta. Sua vida estava longe de lhe prover muita experiência deste tipo. Mas quanto mais pensava nisso, mais se dava conta de que deviam percorrer caminhos separados. Agora era um momento tão bom para começar quanto qualquer outro. Ele não podia correr riscos. Ele não podia deixar que Miri enfrentasse a fúria de Jeryl. Apesar de que seria perigoso procurá-la, seria até mesmo mais perigoso deixá-la para trás.

Arun colocou o pesado barril sob o braço, e não tinha certeza por que o levava, mas não estava preparado para deixá-lo. Então começou a subir para a tênue luz da lua.

Trae logo ficou ao seu lado, igualando seu ritmo com quase condescendente facilidade.

"Bom, se vamos fugir, podemos fazê-lo juntos," disse Trae. "Quem sabe? Você pode gostar de Shireen. É uma bela cidade. Acredito que inclusive fundaram lá o templo da Divina Luz, entre outros. É o Senhor do Fogo, mas com outro nome."

Trae chutou um pouco de erva e ofereceu a mão a Arun, levantando o barril facilmente. Eles se olharam por um momento, em seguida, para as árvores e os matagais. A escura colina estava agora entre eles e seus perseguidores.

"Ao caminho Branco então," Trae disse firmemente. Olhando-o por um momento para que confirmasse suas palavras, Arun o seguiu.

Na escuridão sob as árvores, Arun vacilou. Trae o puxou para ele impacientemente, tenso e alerta. A noite parecia interminável.

"Não devíamos entrar no caminho agora?" Arun aventurou, sabendo que odiava retornar, mas esperando ver a segurança de Trae sobre o caminho.



"Nós iremos por outro lado," Trae replicou. "Estamos muito perto da cidade e poderíamos nos ver facilmente se entrássemos nesse caminho. Posso ouvir os cavalos golpeando a terra de um lado para outro nos buscando."

Arun se esticou e caiu no chão, lágrimas de esgotamento enchiam seus olhos. "Iria mais rápido sem mim, em sua outra forma. Vá."

"E também seria advertido, mas mantendo-nos juntos poderemos continuar." Trae tinha uma jovial maneira de falar. Obviamente usava-a para conseguir algo. Era como se assumisse que tinham algum tipo de entendimento...

Quando Trae se aproximou dele, Arun saiu de lado. Ele se aferrou à úmida terra, aferrando seus dedos ao redor das raízes de uma árvore. "Vá sem mim," ele insistiu. "Tenho que ser capturado para que Miri esteja a salvo. Lorde Jeryl deve castigar alguém por sua perda, e se não me apanhar, ele dirigirá sua cólera para outros, minha família ou o templo. Ele esteve procurando uma boa razão para argumentar contra o Templo do Fogo e minhas ações podem lhe dar essa oportunidade se eu não estiver presente para lhe dar uma confissão. Eu precisava libertá-lo, mas não posso deixar que outros sofram por minhas ações."

"Não temos tempo para isto," Trae afirmou, a tensão finalmente aparecendo em sua voz. Até Arun podia ouvir as batidas das pegadas aproximando-se entre as árvores.

"O que lhe importa?" Arun murmurou. "Pode perfeitamente ir mais rápido sozinho. Então vá."

"Não posso ir sozinho, não mais. Não desde o primeiro momento em que o vi, apesar de ter partido meu coração ao saber que tinha me banido para longe de você tão facilmente. Realmente se sacrifica por minha segurança e a de sua família?"

Na escuridão, os olhos de Trae brilhavam a luz da lua, seu olhar era reflexivo. Arun franziu o cenho e lutou contra seu coração. Não havia tempo para falar nem para colocar ordem em sua confusão, mas ele sentia que Trae estava por cima da razão. Esse era um sentimento tão elementar e natural como o amor que ele nunca havia nem sequer visto, e nem conhecia. Não podia dizer uma palavra.



Trae suspirou e pegou o corpo de Arun, levantando-o do chão, mas ele se aferrou com mais força. De joelhos, Arun empurrava Trae, afastando-o, e eles lutavam à beira de uma pequena ravina. Precisava afastá-lo, precisava afastar Trae dele.

Inclusive, se o amava realmente, o amor poderia ser razão mais que suficiente para fazer com que o wolfkin se fosse sem ele, ficaria livre e vivo. O wolfkin tinha melhores oportunidades de sobreviver se o deixasse para trás.

Arun sabia que ele precisava afastá-lo. Trae era muito forte para machucar-se com uma pequena queda. Arun poderia correr para seus perseguidores, que o rodeariam, e criar suficiente confusão para que o wolfkin escapasse.

Mesmo enquanto ele tentava chutá-lo, a lua iluminou o suficiente para que Arun visse a expressão de alarme no rosto de Trae, e perdeu o equilíbrio. Arun recebeu um grande golpe na parte de atrás da cabeça e caiu pela ravina até o frio arroio, embaixo.

Enjoado, confuso, e salpicando água, Arun subiu para a terra de novo, gelado. Finalmente conseguiu ficar de pé. Viu Trae ao seu lado e só pensou em dar ao wolfkin tempo de escapar. Virando-se para seu atacante e bloqueando Trae, viu-se desamparado e sem armas, e a única coisa tinha ao seu alcance era o fogo. Este explodiu surpreendentemente ao redor, deslumbrado com a iluminação, e sabia que nada devia temer. Apesar de que, ao pensar nisso, sabia que o fogo tinha vindo do seu próprio interior.

Caiu de joelhos na água gelada, seus pés tocaram um grupo de pedras redondas, e ele sentia o fogo através dele, reunindo-se em suas mãos e iluminando o terreno, onde havia barro, rochas e ramos quebrados. O fogo continuava ao redor de sua mão, sustentado por seu corpo. Antes que ele o jogasse em seus perseguidores, viu um enorme lobo. Parecia que estava preparado para atacar, mas se deteve quando uma voz de homem o chamou.

"Umi, você pode notar que o menino realmente está tentando proteger seu irmão." Disse um enorme homem barbudo acima da ravina, de pé, com os braços cruzados e apoiado em uma árvore. O lobo se transformou em uma musculosa mulher com brilhantes olhos amarelos.

"Trae," chamou. "Vi quando ele o atacou."



Trae ficou de pé e saiu caminhando até ela, a água gotejando em sua pele e em seu grosso cabelo. "Tivemos um desacordo, querida irmã. O sacerdote aqui estava fazendo seu melhor sacrifício para me afastar desses sádicos malditos das terras baixas. Arun, por favor, perdoe-me por sugerir, mas brilhar como uma tocha não é uma boa tática, embora impressionante, talvez."

O peito de Arun se movia com dificuldade, seu fôlego se congelava. Fechou os punhos e as chamas morreram, dificilmente saberia se as tinha convocado em primeiro lugar ou se estavam sob seu controle. Mas continuavam iluminando ligeiramente seus dedos, e não tocavam sua pele. Finalmente se inclinou e enfiou ambas as mãos no rio, e o fogo pareceu extinguir-se por um momento antes que, a contra gosto, saísse.

Os dois wolfkin se abraçaram e Arun se uniu a eles, assegurando-lhes sua boa saúde. Eles se uniram ao homem. Umi o apresentou, "Rasht, o meu amor."

Arun sentia seus pés intumescidos quando Umi virou-se para ele, desconfiada. "Supõe-se que os sacerdotes do fogo não sentem frio."

"Não sou sacerdote. Sou um acólito." Arun afastou-se da borda da ravina. E acrescentou. "E eu retornarei à corte de Jeryl. Provavelmente encontrará seu próprio caminho para casa, daqui, especialmente se tiver uma distração para os perseguidores."

Detendo-se na borda, viu seus pés, e que era capaz de dizer onde se encontrava.

"Você tem uma distração, asseguro-lhe isso, Arun," Trae disse tranquilamente. "Mas não posso permitir que volte com eles. Eles o matariam."

"Morreria por sua irmã, Trae? Miri e seu marido são minha única família. Crê que é correto deixar que sofram pelo que eu tenho feito? Lorde Jeryl disse que se eu falhasse com ele, poderia não ser o único a lamentar. Devo retornar e enfrentar sua fúria, ou voltá-la-á contra os outros. Quem sabe? O templo pode me prover de algumas defesas, sem dúvida."

Ele se afastou deles, desorientado e perguntando-se se havia feito a escolha certa. Em um instante Trae estava atrás dele.



"Irei por sua família, também," Trae disse. "Sua irmã e seu homem, diz que eles são seus únicos parentes, assim é mais fácil fazê-lo. Eu posso ver que eles terão uma vida melhor em Shireen que a que eles têm aqui. Posso fazer isso, Arun, e para você também, se me permitir."

Arun duvidava, desconfiava do que ele lhe oferecia.

Umi levou-os a um lugar escondido entre gigantescos pinheiros, separou uns ramos e lhes mostrou como chegar a um esconderijo. Pediu a Arun que lhe descrevesse como chegar à cabana de Miri.

"Você está fraco, irmão," ela disse alarmada. "Você passou por muita coisa sem tomar o sangue apropriado. E este seu sacerdote está a ponto de desmaiar. Nós iremos procurar a garota e seu par e retornaremos aqui antes do amanhecer. Vocês precisam recuperar as forças."

Trae olhou para ela e para Arun antes que ela e Rasht se fossem, com uma fria avaliação, seus olhos amarelos eram os mais ferozes que Trae já havia visto antes.

Seu par humano era um homem robusto, fortemente constituído e com abundante cabelo e barba. Ele tinha um sorriso jovial, e lhes deixou um cobertor antes de ir atrás dela. "Pelo menos poderá ser capaz de acender o fogo sem ajuda."

"Certifique-se de perguntar à minha irmã," Arun insistiu. "Ela tem sua vida aqui..." Estava mais que um pouco assustado de que a irmã de Trae obrigasse Miri com ameaças.

"Se ela também tiver cérebro, entenderá." Umi murmurou, enquanto era seguida por Rasht.

A fraqueza de Trae era evidente. Ele tinha percorrido a última distância para o lugar do esconderijo em sua forma de lobo, ficava mais estável em quatro patas, mas ainda assim sua cabeça pendia e seus olhos estavam entrecerrados com o esforço. Era como se sua grande força se esgotasse e ele estivesse a ponto de cair.

Trae se deixou cair, em sua forma animal, e descansou a cabeça na terra. Arun duvidou, não estava seguro da decisão que tinha feito, e pelo que parecia, não só por si mesmo. O que diria Miri quando Umi e Rasht aparecessem em sua porta? Poderiam cooperar? Ele tirou o cobertor de seus ombros e se deitou o mais perto que pôde de Trae, sem tocá-lo. Estendeu o cobertor sobre Trae também. Decidiu não tentar fazer fogo só pelo medo de que seus



perseguidores os descobrissem, e seu rosto acalmou com a aparição dessa habilidade, estranha inclusive entre os sacerdotes. Suas mãos formigavam e doíam com uma dor que aumentava, mas que ele tentou ignorar.

Ele se deitou no duro e úmido chão, de costas para Trae. Com um suspiro, o wolfskin se aproximou dele e trocou para a forma humana, rodeando-o com seu braço, e sentia-se naturalmente protetor com Arun. A mão de Trae percorreu o ombro de Arun, virando-o de costas e deixando o fino cobertor ao redor de ambos.

Arun sentia a fria terra em seus ombros e costas e observava como Trae tocava suas faces e pescoço. Trae desfez os laços da camisa de Arun, tirando-lhe a roupa e revelando seu peito. O wolfskin estava sempre tão quente, sua pele era como uma chaminé, as pontas de seus dedos vagabundeavam por todo seu torso. Inclinando-se para frente Trae passou a língua pela marca da mordida na pele de Arun. O úmido e cauteloso toque na pequena ferida instou-o a cuidar e explorar cada ferida. As sensações que estavam se formando dentro de Arun fizeram com que ele estremecesse.

O wolfskin se afastou, olhando-o tristemente. "Eu me esqueci de como você me vê. E apesar de acreditar que um malvado feitiço fez com que eu o usasse tão precipitadamente, não era tudo o que sentia então, ou que sinto agora. Ou quem sabe o que você sentia por mim acabou. Acredito... mas somente se você também o desejar. De minha parte, sinto pelo dano que lhe causei. Tomei seu sangue, isso não se faz normalmente... É algo importante para nós fazê-lo apropriadamente e só com a pessoa específica. Pessoa essa que procuramos durante anos. Até mesmo agora, não posso tomá-lo sem perguntar. É o maior erro entre minha gente."

Arun sentiu um frio pânico quando Trae se afastou. Arun passou a mão pelo cabelo das costas do wolfskin. "Nunca devia ter aceitado seduzi-lo. Sabia que era magia negra. Devia ter insistido em ir ao templo procurar um guia. Não sabia realmente o que aconteceria e não havia razão para assumir... mas eu o fiz sem saber. Realmente, eu não sabia de que tipo era, e suponho que tampouco sei muito, agora. E não sei por que é tão importante para mim. Não me preocupam as poucas gotas de sangue que perdi, e não me preocupa que tome mais se precisa delas." Mas sabia que sua voz traía seu medo.



Trae aproximou-se cuidadosamente de Arun, com seus corpos pressionando-se um ao outro.

"Nós realizamos corridas. Os lobos do meu tipo. Quando nos sentimos solitários e não podemos encontrar nas proximidades quem responda às necessidades que geram dentro de nós mesmos. Saímos a procurar nosso destino, e de algum jeito o encontramos. O feitiço me deixou incapaz de resistir ao seu corpo, mas o que eu sentia *era uma sensação de plenitude* que respondia à pergunta em meu coração. Só rezo para que sinta o mesmo por mim, com o tempo. Porque tomar o sangue é mais que uma necessidade, é algo importante, Arun. Muito mais importante."

Arun pressionou sua face contra o sólido peito de Trae, seus braços rodearam o musculoso corpo do wolfkin traçando as sutis peculiaridades de sua forma tão próxima a de um homem, mas não o suficiente... Tocou um lado do rosto de Trae, suas altas faces e sobrancelhas retas, o abundante cabelo de múltiplos tons de cinza.

"Por favor, é o mínimo que posso fazer por você. Devo-lhe isso. Por mim mesmo, pois a única coisa que queria era ser sacerdote," disse suavemente.

"E acredita que não o seja?"

"Sei que não sou."

"Você chamou o fogo do ar, fogo dourado. Não é isso um poder do Deus do Fogo?"

"Também chamei um wolfkin para atraí-lo e seduzi-lo contra sua vontade. Não acredito que isso alegre o Senhor do Fogo."

"Aquilo não era você. Aquilo foi o trabalho de uma bruxa, esqueça o que sente sobre..."

"Isso está em mim agora, posso sentir. Poderes escuros, coisas que os homens não deveriam saber, ver ou fazer. Magia. Estou assustado. Nem sequer sei o que sei agora. Não sei o que é verdade e o que tenho que dizer. Nunca tinha feito fogo antes, e só os sacerdotes devem, podem..." Arun duvidou, em silêncio.

Trae se aproximou e prontamente colocou o braço sob a cabeça de Arun, deu-lhe um beijo na face e outro, ligeiramente, na boca. "Confie em você, Arun. Tem um coração verdadeiro. Estou certo disso."



O corpo nu de Trae se aconchegou ao dele, e a mão de Arun, quase que por vontade própria percorria a pele de Trae.

"Você está frio." Trae disse, preocupado, e prontamente aproximou suas coxas do corpo de Arun.

Arun percorria o peito nu e o abundante pelo em suas costas. Era estranho que não se assustasse mais. Trae parecia completá-lo, parecia ser o correto, o verdadeiro. Eles se beijaram de novo, mais profundamente. Trae, com um suave grunhido, tirou a túnica de Arun sobre sua cabeça.

Dentro das vísceras de Arun algo escuro se movia sigilosamente como uma cautelosa víbora ao sol, mas ele o ignorou, aproximando-se do desejo dentro dele. Se ele tinha perdido a dignidade, ele queria amar mais. Desejava que alguém o quisesse por ele mesmo. Um refúgio de amor, não a fria comodidade de seu anterior chamado. Inclusive, se não sentia nada por si mesmo, ele podia sentir a urgência e a veemência das emoções de Trae por ele. Isso era amor? Ele não sabia muito. E de algum jeito provocava isso.

"Trae, eu..." queria lhe dizer que estava assustado, do amuleto que o tinha maculado, e do poder que ainda espreitava dentro dele, esperando para atacar. Mas por mais que tentasse, as palavras ficaram estranguladas, e um suspiro irritado lhe escapou. Seu corpo respondeu com uma urgência de ardente paixão.

"Você só precisa me dizer "não"." Trae disse.

A língua de Trae percorria a pele de Arun, movendo-se no centro de seu peito lentamente, explorando os pêlos esparsos. Ele o detinha com suas grandes mãos.

Qualquer sensível consideração que flutuasse na cabeça de Arun saiu, qualquer pensamento de "não". Sua pele doía de prazer.

Ele, duvidando, percorreu as linhas dos ombros de Trae, que se inclinou. Trae tirou as roupas de Arun prontamente, retirando também o cobertor. A princípio Arun nem sequer sabia o que ele tentava fazer. Quis que Trae o cobrisse, envergonhado e excitado por ficar tão exposto.

Sentiu a úmida e cálida boca de Trae escorregar sobre seu pênis. Envergonhado, advertindo a luxúria, tentou endireitar-se, mas Trae pressionou a mão em seu abdômen,



baixando-o com firmeza, e ele se deitou de novo. Úmidos e quentes lábios percorriam de cima a baixo seu duro eixo, e ele dobrou seus dedos na mão de Trae. Não conseguiu resistir ao intenso e desconhecido toque em seu membro e gozou, com um gemido. E com sua liberação sentiu que o ar escapava de seus pulmões, suficientemente gelado para fazer com que sua garganta doesse. Trae quase paralisou ao lado dele. Seu coração e sua pele pareciam empalidecer.

Descansando a cabeça no ombro de Arun, murmurou, "Umi tem razão, estou mais esgotado do que me dei conta."

Arun sentiu a escura presença dentro dele retorcendo-se e retirando-se, saciada, por agora. A única coisa que ele sentia era o cansaço. Levantou a vista para os pinheiros. Trae se acomodou e logo adormeceu. Mas Arun continuou deitado. Ele podia sentir a faminta presença dentro dele, crescendo. Teria a bruxa colocado algo dentro dele ou só plantou a semente? Queria mover Trae, despertá-lo, falar-lhe de todos os seus medos, mas ele continuava frio. Era covardia a presença dentro dele ou uma coisa até mesmo pior?

Capítulo 4

Eles já estavam viajando há quase uma semana, principalmente durante as noites, e estavam aproximando-se de Shireen, a cidade da qual o wolfkin falava com tanto carinho. Todos asseguraram a Arun que a mudança era para melhor. O mundo se abria diante deles. Sua irmã e seu cunhado pareciam ansiosos pelas novas oportunidades que lhes foi oferecida. Arun podia ver o brilho neles, mas parecia que ele estava justamente fora de seu alcance. Ele tinha permanecido em silêncio, e agora sabia que não era por sua eleição.

"Bem, nunca encontrei aquelas galinhas, portanto, nada me mantinha lá," disse Miri alegremente.

Miri, Rasht e Berton caminhavam lado a lado em frente a eles, conversando sobre granjas, gado, jogos e tudo o que se podia encontrar em Shireen. Eles pareciam tão tranquilos com a repentina mudança, deixando tudo para trás. Arun sentia como se estivesse vendo sua própria vida à distância, de novo. Ele não conseguia descobrir nenhuma resposta em particular em seu próprio coração, nem emoção, nem sequer medo, nada. Era como um longo e escuro



sonho. Ele sabia que queria sentir, que deveria sentir, mas todo o tempo ele somente estava... vazio.

Trae e Umi seguiam ao seu lado. Em sua forma de quatro patas, eles mantinham o ritmo. Algumas vezes um ou ambos podiam sair do caminho, corriam adiante e se certificavam de que o caminho estivesse seguro. Na escuridão, o grupo se encontrou com alguns outros incomuns viajantes pelo caminho.

"Eles dizem que há um Templo do Fogo em Shireen," Miri acrescentou, olhando-o de rabo de olho.

Arun somente assentiu. Eles não procuravam muitas palavras nele agora; seus pensamentos estavam ocupados com coisas corriqueiras. Umi e Trae eram criaturas das sombras, sem dúvida. Eles tinham viajado de noite, não só por segurança, mas sim porque a luz do dia os fazia sentirem-se incômodos. Não os danificava como à bruxa do véu de Jeryl, apenas não era seu elemento. Eles caminharam durante a noite com sua proteção e guia.

Eles obviamente eram boa gente também, que podiam abraçar a escuridão sem mancha. Umi e Rasht, eram fáceis em seu amor, e eram boa companhia para os recém casados. Miri e Berton iniciavam uma nova vida com entusiasmo e alegria. Deixar o reino opressivo de Jeryl não incomodava nenhum deles. E Trae sempre estava ali, sempre solícito, mas sem pressionar. Era como se ele esperasse com suprema segurança que Arun fosse até ele. Ele tinha fé que eles estavam destinados a ficarem juntos, mas todo o tempo Arun sentia que ele mesmo estava se afastando cada vez mais.

Arun estava frio, afastado do Deus que tinha adorado por toda sua vida, o dourado jovem do Fogo, o Sol. Sentia que era quase melhor dormir durante o dia e escapar à atenção do Deus do Fogo. Algumas boas almas viviam na sombra e eram incorruptíveis, ele acreditava agora, mas Arun não sentia que tinha alma. A escuridão o havia tocado profundamente em seu interior. Estava rasgado, quebrado, e ficava mais a cada noite que passava.

Rasht colocou-se entre Arun e Miri. Ele levava sob o braço o barril do legado. Rasht o tocou. "O que é que você está carregando todo esse tempo?" perguntou a Arun.

"Não é nada que precisasse trazer."



"Deve ter algo aí dentro."

Arun deu de ombros. "Sementes."

Miri interrompeu. "Arun faz com que tudo cresça, ervas, frutos. Ele pode fazer com que tudo cresça."

"Do que são essas sementes?"

Arun não queria falar, mas não desejava ser descortês. "De todo tipo, diferentes; medicinais a maioria, mas também vegetais e frutos. Não devia ter pego. Não são minhas. É que senti que deixava tudo para trás, e necessitava algo."

Eles pareceram ignorar suas objeções. "Umi diz que Trae tem boas terras na cidade," Rasht disse. "Aposto que aqui há ervas que as pessoas das terras baixas podem querer, ervas medicinais que não conhecem. Há uma casa de cura em Shireen, e as pessoas vem de todos os arredores."

Os dois wolffkin que se adiantaram se uniram a eles, mudando para sua forma quase humana, sempre despreocupados de sua própria nudez e indiferentes ao frio. O olhar de Arun foi para a inconsciente graça de Trae com seus esculpidos músculos. Esse era o único sentimento que lhe tinha ficado, a luxúria pelo wolffkin. Algumas vezes era reconfortante sentir algo, algumas vezes era uma vazia tortura. Ele não duvidava de Trae. Ele duvidava de si mesmo e do dano que pudesse lhe causar quando a escuridão chegasse.

"Vamos, anime o seu menino." Rasht disse a Trae. "Dado que vem com seu único parente, presumo que o que o consome é a falta do templo."

Berton riu, puxando Miri mais perto. "Não se zangue, Arun," disse-lhe com jovial segurança. "Você estava naquele templo e acreditava que os deuses escolhiam a quem queria que lhes servisse, sem se importar com o que pudesse acontecer ele apontava o homem. Sabe que em Shireen não obrigam os acólitos a uma vida de castidade? E Deus ainda está satisfeito com eles. Vai encontrar seu lugar lá. Vai ver." Trae acrescentou. "Eles dormem quando o sol desce. Eles necessitam da luz do sol. Esses sacerdotes, sabe?"

Eles riram, sabendo que Arun e Trae passavam cada noite juntos, apertados, e Trae precisava ficar na escuridão. Trae parecia não lhes haver dito que o conforto que lhe dava cada



noite desde a primeira vez no bosque era casto. Provavelmente não era justo seduzir Trae e agora rechaçá-lo, mas seu toque era o único consolo que Arun realmente sentia. Trae o protegeria se pudesse, Arun sabia disso. Ele necessitava que Trae o tocasse, mesmo com o medo que sua paixão pudesse gerar.

O resto do mundo estava mais escuro e cinza a cada passo, deixando-o só com o desejo de transar com Trae. Ardia nele, em contraste com a fome e a cobiça que aumentava a cada dia. Ele não se atrevia a fazê-lo. A coisa, a coisa do amuleto estava faminta por Trae. Arun temia que pudesse devorar a fonte da vida de Trae se eles ficassem íntimos de novo.

Doía em Arun o fato de que seus companheiros vissem seu humor como uma fonte de brincadeiras. Se apenas pudesse encontrar uma maneira de lhes deixar saber o que ocorria em seu íntimo. A coisa que estava profundamente dentro dele, esperando, mas por muito que o desejasse, sentia sua língua pesada e além de seu controle, não o deixava falar.

Eles entraram na cidade alguns dias depois, excitados com as exclamações e a ajuda. As pessoas de Shireen pareciam ser de todo tipo concebível, cada sombra, cada cor e cada forma, e muitos mais do que Arun havia inclusive imaginado. Arun tentou não mostrar seu alarme quando Miri riu e exclamou emocionada quando viu uma mulher que tinha plumas em lugar de cabelo, ou um homem tão alto que se sobressaía da multidão. Trae e Umi tinham muitos amigos que lhes apresentaram em uma casa de pedra, ofereceram-lhes comida e iniciaram uma inesperada festa para celebrar seu retorno e dar as boas-vindas a Rasht como o par de Umi.

Havia alguns que olhavam expectantes para Arun, mas Trae somente o apresentou como um hóspede, um amigo, alguém que ajudou quando teve dificuldades nas terras baixas. A simples menção da região pareceu causar murmúrios e sacudidas de cabeças. Recordar as terras baixas onde morreram muitos de sua raça os afetava. Nem Miri ou Berton pareceram incomodados, não que acontecesse o mesmo com Arun, a lealdade era profunda nele, talvez.

A língua de Arun parecia ficar mais pesada a cada dia; ele não podia nem sequer murmurar frases corteses às muitas e cálidas boas-vindas e as perguntas que recebia. Os estranhos pareciam grotescos e desconhecidos, e somente a cálida presença de Trae lhe dava um pouco de força.



"Ele é um pouco tímido," Umi o desculpou, puxando Arun e afastando-o. Arun não queria ir, mas não tinha uma desculpa razoável para recusar. Ela o levou por um tranqüilo corredor até um quarto onde estava preparada uma cama. Uma grande janela com vista para a colina onde o vento movia a grama alta. Mais à frente, outras casas espalhadas sob o vale, às torres do templo erraticamente iluminadas por milhares de diferentes luzes e chaminés. "Recupere-se," ela disse. "Una-se a nós de novo quando se sentir capaz. Apenas não creio que consiga ver seu desdém. Não conseguiu evitar mostrá-lo ao ver este lugar, nossos amigos e família, e eu o vejo em seus olhos quando me olha, e quando olha meu irmão. Você deixou para trás as terras baixas e fechou seu coração, trocando-o por ódio. E se não consegue fazer desaparecer esses sentimentos, pelo menos afaste Trae desse meio coração e aceite-o. Ele merece mais que isso. Se não puder lhe dar amor, então deixe-o ir e termine logo com isso. Sua irmã é bem-vinda aqui porque ela nos aceita. Não posso dizer o mesmo de você."

Ela saiu e fechou a porta firmemente, deixando Arun sozinho. Então ela não era idiota para deixar-se enganar com seus castos abraços, depois de tudo. Sem dúvida Trae tinha acreditado nela. Mas ela tinha tirado conclusões equivocadas da resistência de Arun. Ele ficou de pé, olhando a porta fechada. Umi parecia tão considerada ao aceitá-los, a ele, Miri e Berton. Mas ela entendia mais do que ele se deu conta. Sua primeira preocupação, claro, era Trae, ele era sua própria família.

Arun se sentou na cama e descansou a cabeça nas mãos. Isso era certo, não é assim? Trae esperava mais, esperava amor, e Arun não podia atrever-se a dar ou ao menos expressá-lo fisicamente. A luxúria poderia facilmente matar o wolfkin. Isso vinha crescendo em Arun desde o momento em que o amuleto escuro de Jeryl tocou sua pele. Destinado a aumentar sua força com o passar das horas e dias, ficou até mesmo mais forte com o passar das semanas. Somente esperando emergir. Aquilo se movia dentro dele, igual um profundo rio de lodo. E sabia que se abrisse seu coração para Trae poderia deixá-lo perdido.

Ele tentava falar sobre aquilo, mas sua língua e lábios não formavam as palavras, como se o negro poder os controlasse. Risadas e música se filtravam de outras partes da casa, dando as boas-vindas à sua irmã e ao seu cunhado, e tentando dar as boas-vindas a ele também, por



mais descortês que estivesse sendo. Ele gostaria de unir-se a eles, se pudesse. Em vez disso, rezou para que Umi pudesse encontrar um jeito para fazer o que ele não podia. Se apenas tivesse a força, fá-lo-ia ele mesmo.

A um lado do campo, debaixo da casa, havia um grupo de rochas desintegradas de cor creme. Sentado em cima, Arun podia ver o vale e uma grande parte da cidade. A manhã ia pelo meio, e a fumaça era trazida da cidade pelo vento junto com todo tipo de sons.

Ele tinha evitado a festa, protestando fraqueza, e insistindo para que Trae se reunisse com aquele grupo de pessoas felizes que obviamente tinha sentido saudades dele e da sua irmã. Ele saiu da casa ao amanhecer, ajoelhou-se e sentiu a força da luz solar sobre ele. Parecia fazer com que a escuridão dentro dele se encolhesse em um forte nó em seu estômago. Poderia desaparecer totalmente se entrasse no templo que deveria ficar em algum lugar da cidade? Suas pernas se sentiam mortas com o pensamento. Nunca o deixaria chegar até lá, esse era o limite de sua corrente.

Essa diabólica influência não duvidava em sustentar-se com sua própria covardia. Ele tinha entrado voluntariamente na magia negra. Ele tinha seduzido, capturado e quase assassinado um homem bom. Que bem faria em sujar o templo do Deus do Fogo com seus obviamente deliberados pecados? Provavelmente fosse melhor ficar aqui. Se ele tinha que carregar a escuridão, essa seria sua penitência. O Deus do Fogo poderia surpreendentemente chegar a ele facilmente aqui como diante do altar, se ele assim o quisesse.

Uns passos suaves soaram atrás dele, era Trae, que parou na linha da sombra das árvores e voltou a avançar. Arun fez um gesto de dor, sabendo que a brilhante luz incomodava o wolfkin, enquanto subia a rocha.

"Trae, não." Ficou de pé, mas Trae colocou seus fortes braços em seus ombros.

"Você caminhou na escuridão por mim."

"Trouxe a escuridão comigo. Preciso detê-la... Somente necessito que você se detenha. Não posso lhe dar o que você necessita. Não posso responder nem pensar a respeito disto. Deve procurar alguém mais."



Ele desceu das rochas e se dirigiu à sombra das árvores que rodeavam a casa. Trae o seguiu.

"E o que é essa escuridão? Fale-me sobre isso."

"É..." Ele sentiu começar a opressão que lhe sugava todo o ar nos pulmões e lhe impedia de dizer uma palavra. Era mais forte que ele, era muito mais forte que ele. Tinha parecido fácil ser piedoso dentro das paredes do grande templo, mas agora sabia que ele nunca tinha sido realmente virtuoso como o era Lanner. Ele não podia combater a negra serpente em seu interior, e virou-se para Trae, pois ele sabia que tampouco poderia resistir ao wolfskin se ficasse. O mal estava se tornando mais forte que sua fraca luta.

Trae o alcançou e seus fortes braços o rodearam. Arun não pôde resistir ao beijo, profundo e úmido. A língua de Trae explorava sua boca, seu duro corpo se pressionava contra o dele. Cada fibra dele queria abrir-se, render-se, dar as boas-vindas ao seu corpo e ao seu amor. O pânico retornou, as áridas folhas ao redor se incendiaram. Arun apoiou-se contra o tronco de uma velha árvore. Trae se aproximou, com as mãos levantadas e o olhar ferido.

"Sei que aprendeu muitas coisas no templo. O Templo do Fogo das terras baixas tem uma doutrina diferente à de outros lugares, menos tolerante. Mas sei que você não é esse tipo de homem, Arun."

Arun fechou os olhos. "Deixe-me ir, Trae. Deixe-me ir." Sabia que a coisa em seu interior não lhe deixava advertir Trae, ou pedir ajuda ou cura. Aquilo estava em seu interior, esperando o momento em que ele finalmente se rendesse às suas egoístas paixões. Encontrou uma fraca força para falar.

"Tenho que ir. Não posso ser o que precisa. Não é justo que eu..."

"Consegue deixar a sua irmã? Deixá-la sem nem sequer saber onde está ou se está bem, depois de tudo?"

Trae tentou se aproximar de Arun, que se afastou. O arrojado wolfskin o chamava, tão profundamente que seu controle pendia por um fio, apesar da morte que espreitava em seu interior.



Finalmente Trae se afastou. "Arun, você me salvou. Sempre será um hóspede bem-vindo em minha casa. Nunca vou lhe pedir mais do que você escolha me dar."

Ele ficou esperando um bom tempo, mas a língua de Arun parecia morta em sua boca. Trae girou o corpo e voltou para casa, mas Arun não o seguiu. Todos estavam esperando. Esperando por Arun. Melhor esperar que apressar o destino que viria.

Por estranho que parecesse, a casa começou a acostumar-se às frias maneiras de Arun, igual a um corpo que cresce ao redor de uma lasca enterrada. Cada vez que ele tentava ir embora, seu corpo simplesmente o trazia de volta. Mas a coisa negra não o conduzia direto aos braços de Trae. Isso ele mesmo parecia fazer, aquilo simplesmente estava ali, esperando um momento de fraqueza. Esperando para dar o golpe.

Miri e Berton tinham entrado na vida da comunidade e pareciam indistinguíveis das pessoas que viviam ali durante toda sua vida. Miri era boa com a agulha, e encontrou muito trabalho. Berton estava empregado nas terras de cultivo ao redor da cidade. Umi e Rasht se encarregavam dos negócios. Parecia uma vida normal para todos eles, comercializavam entre as casas do caminho vermelho e os cavaleiros que o percorriam rumo ao mar ou para outra direção. Na maior parte do tempo Trae fazia sua parte com eles. Ele se certificava de que todos chegassem a salvo através dos perigosos caminhos que atravessavam a montanha. Ele era o guia e protetor, e era bom para todos.

Fiel às suas palavras, ele não voltou a tocar em Arun, apesar de que estivesse na casa e nunca afastasse o olhar por muito tempo. Todos eles pareciam tolerar a descortesia de Arun, somente Umi ocasionalmente mostrava seu desconforto. Ou Miri, que ficava preocupada com o peso que estava perdendo seu corpo. A comida não tinha sabor, e ninguém podia ver a invisível prisão em que se encontrava.

À falta de melhor ocupação, Arun começou a plantar seu jardim para preencher as horas vazias e fazer algo útil. A terra era boa e o clima suave, e apesar de alguns percalços, conseguiu fazer com que as pequenas sementes adquirissem vida. Isso também lhe proporcionava um lugar para se esconder, apesar de saber que sua condição estava piorando. A solidão era uma rica terra para a maldade.



Algumas vezes a escuridão fazia com que sentisse tanto ardor na pele que ele se arranhava com tanta força que chegava a sangrar. Com isso, a angustiosa sensação se perdia, por um momento. Os rumores se espalharam, e alguns curadores da cidade chegaram perguntando por suas plantas, alguns viram que eram úteis e começaram a procurá-lo com regularidade. Apesar de parecerem notar que algo estava errado em sua expressão ou em sua conduta, não perguntavam por sua saúde e não o pressionavam. Muito cortês o povo de Shireen.

Então, alguns meses depois de ter chegado à cidade, ele estava inclinado sobre a escura terra da montanha, verificando as ervas daninhas entre as flores. O jardim tinha se estendido pela base da rocha. Dois homens se aproximaram da casa. Um deles era Raimy, um curador mais velho que o visitava frequentemente, e o homem ao lado dele era desconhecido, alto e vestido de amarelo.

Arun baixou o olhar para o chão, focando-se em seus trêmulos dedos enquanto arrancava o mato. Deu um sorriso de prazer para a tenra e frágil erva instando-a a viver, mesmo que ele não pudesse segui-la.

Raimy parecia uma versão mais jovem e amistosa de Lanner. "Ola," ele gritou. "Aquela planta é tão diurética quanto você falou. Mas o chá fica tão amargo que os pacientes não gostam de tomar."

"Apenas ferva-o um pouco mais," disse Arun, sem levantar a vista. "Em fogo lento, Raimy, não cozido."

"Bom, direi a meu colega Prem, e não acredito que ele entenda a sutil diferença entre fervido e cozido lento." Raimy riu. "Este é meu bom amigo Kandar, do Templo do Fogo. Ele tinha curiosidade em ver seu jardim."

Arun ficou de pé e limpou as mãos no avental que tinha atado à cintura. "Ainda não há muito para ver."

"Raimy alterou um pouco as coisas em nome da cortesia." Disse Kandar. "Ele mencionou que você tinha sido acólito. Tive curiosidade em saber por que você ainda não



visitou o templo, pois é mais do que bem-vindo, e amanhã será o Grande Passo. O ritual é bastante parecido ao tradicional das terras baixas.”

“Eu gostaria de ir.” Mas é certo que não me deixarão dizer nada. Nada, porque a coisa negra está crescendo e me controla mais a cada dia que passa. Como poderia tentar dar uma resposta adequada se sua língua estava flácida? Olhou o Sacerdote do Fogo e tentou dizer-lhe com o olhar. “A maldade está em mim, me controlando. Você, dentre todas as pessoas, consegue vê-lo.”

Mas apenas mudou de assunto quando conseguiu falar. “Tenho esperança de que o breemfruit possa germinar nesta época. Eu, um, coloquei-os do lado do vento. O fruto é um maravilhoso soporífero⁴, mas não estou certo de que possa maturar nesta altura. Aqui é muito frio.”

Girou o corpo e afastou-se, deixando os dois homens desconcertados. O sacerdote, com o cenho franzido, talvez sugerisse que era uma simples afronta. Atrever-se-ia a ter esperança?

Miri chamou-os da casa. “Venha tomar chá, Senhor Raimy, e traga seu amigo. Você também, Arun, não pode passar cada momento do dia na terra, cuidando das raízes.”

Enquanto eles entravam no salão principal, uma cálida emoção chegou até ele. Trae estava em casa, tinha voltado durante a noite, sentou-se na janela e abriu a persiana. Obviamente olhava para o jardim. Seu sorriso de boas-vindas foi quase uma dolorosa intenção. Arun tinha ouvido que Trae estava ajudando outro wolfkin no caminho. Mesmo com o muito que lhe doía, esperava que algo pudesse sair daquilo. Mesmo que ele ficasse maculado para sempre. Se ao menos Trae perdesse o interesse, o perigo passaria. Ele queria ser amado, mas agora a esperança estava perdida.

Miri mostrava as novas habilidades que tinha aprendido com uma de suas clientes regulares. Ali o ar cheirava a conspiração.

“Talvez você devesse ir à casa de cura e dizer você mesmo a Prem.” Raimy tomava a xícara de chá que lhe deu Miri. “Sabe o quão desesperado estou a respeito de sua rigidez.”

“Claro.” Não acredito que possa.

⁴ Sedativo



Arun sentiu um frio pânico. A coisa negra sempre evitava que ele fosse a outros lugares, dissesse coisas, mas esta era a primeira vez que falava por ele mesmo, fazendo com que as palavras que queria saíssem de sua boca. Se ele voltasse a ser prisioneiro, nada evitaria que soltasse o veneno entre estas pessoas despreparadas.

Kandar quebrou o silêncio. "Deve haver algo que o motive a ir a Shireen. Inclusive, o sabor da comida é diferente. A cerimônia do Grande Passo pode ser familiar para você. Uma maneira de religá-lo com nosso Deus, que está presente aqui como em qualquer lugar, inclusive agora."

Arun sentiu a pressão formar-se no interior de sua cabeça. Ele sentia a urgência de rir, mas conseguiu se controlar.

"Nós devemos acender uma vela para nossos pais," Miri disse suavemente. Deu uma xícara para ele, o vidro branco era um de seus preferidos. Claro que ela tinha notado isso, mesmo que ele nunca houvesse dito nada.

"Claro que iremos todos," acrescentou Trae.

A escuridão queria objetar, insultar, joga-los, mas agora, alerta a este novo e poderoso desafio, Arun apertou as mandíbulas e controlou-a com todo seu poder. A coisa movia-se e lutava dentro dele. Com um alto rangido a xícara em suas mãos se quebrou e esparramou seu conteúdo sobre suas mãos, salpicando o quarto.

Sem exclamar uma palavra, Trae chegou junto dele e examinou suas mãos, onde o chá quente havia provocado rosadas queimaduras. Trae o atendeu, passou a mão pela cintura de Arun e o guiou até a bacia de água. Os outros os seguiram.

Ele pôde ouvir Raimy murmurar para Miri. "Que grau de calor tinha esse chá? Vi-o borbulhando."

"O mesmo que o seu, juro. Apenas morno."

"Está tudo bem." Arun tentou retirar-se, mas Trae não o soltou.

"Não, Trae tem razão. Mantenha as mãos na água ou a queimadura ficará pior." Raimy olhou para a bacia, então ele levou a mão e percorreu com seu dedo as crescentes bolhas nos lados dos pulsos do Arun.



Levantando a vista, Arun olhou o sacerdote, Kandar, estava um pouco mais à frente com uma expressão de preocupação no rosto. Finalmente uma esperança de que alguém pudesse ver, que alguém pudesse saber, alguém, por favor, poderia ser o suficientemente forte para agir, já ele não podia?

Raimy enrolou as mangas da túnica de Arun enquanto Trae segurava seus pulsos. As pálidas cicatrizes de seus arranhões foram expostas, marcando o interior de seus antebraços. Trae liberou o toque e Arun se afastou.

Estava tenso, fechando os braços ao redor do corpo e baixando as mangas. Ali não havia gritos, demandas ou discussões. Todos os olhares estavam em Kandar, e eles deixaram Kandar e Arun sozinhos.

"Precisa vir ao templo, Arun," disse Kandar com inesperada gentileza. "O poder que está aí dentro pode causar muitos danos em você, ou sair e machucar os outros. Tem a vida do Deus do Fogo em você, mas você se afastou e ele cresceu, selvagem, e pode ser perigoso para você e os que o rodeiam. Você precisa comparecer ao Grande Passo, precisa estar no altar e perguntar-lhe o que deseja. Não foi totalmente sua escolha, e sua meia-bênção está perto de converter-se em maldição."

Kandar colocou a mão no ombro de Arun. A escuridão se acalmou, mal-humorada dentro dele, como se retrocedesse ante o toque e por um escasso instante ele sentiu...

"Preciso que venha aqui e me leve, pode fazê-lo... eu posso..."

"Claro, amanhã à noite. Estarei aqui. E então iremos ao templo."

"Mas e se não... houver mais tempo."

"Acredito que podemos conseguir tempo para você, se esse for o caso."

Assim que Kandar retirou a mão, Arun sentiu uma incontrolável urgência de fugir. Ele correu para as árvores e retornou ao jardim. Kandar deixou-o ir.

Arun controlou seu corpo para não ir mais à frente do santuário de seu jardim, ele olhava desesperançado como seus próprios pés pisoteavam as flores, esmagando-as contra a terra. Levantou o pé daquela aniquilação, olhando o que tinha sobrado, e conseguiu afastar-se. Apoiou-se contra a fria pedra, ofegando, como se estivesse exausto, só por brigar consigo



mesmo. Não, com ele não, aquilo não era ele. Não havia poder divino nele, havia algo mais, e iria ao templo, e se ele realmente estava poluído, poderia ser a última coisa que faria, porque o Deus do Fogo não toleraria as sombras em seu santo lugar e ele sentia que não havia nada dele, somente a sombra.

Ele passou a unha de seu dedo por seu pulso e afundou-a, focando-se na dor. Um fino fio de sangue percorreu seu dedo. Fechou os olhos sentindo a umidade percorrer o caminho para seu cotovelo, em um momento de alívio. Somente teria que suportar uma noite e um dia mais *"Somente um pouco mais, e suportaria, de qualquer maneira. Rezava para que Trae pudesse ser paciente só um pouco mais..."*

Mas o intangível calor de Trae cruzou seu rosto, suas suaves mãos pressionaram Arun contra a rocha. Eles ficaram assim por um momento, juntos, mas Arun lutava querendo ficar sozinho. O corpo de Trae estava tão perto que sentia cada respiração. Arun tinha medo de não ter mais força, nem sequer por um dia mais. Apoiou sua face contra o musculoso peito de Trae, sentiu o fino tecido no peito dele contra sua pele. O wolfkin levantou o braço de Arun, arregaçou a manga e expôs sua pálida pele manchada de sangue. Sua língua passou pelas cicatrizes, limpando-as e fechando-as.

Trae o beijou, o sabor ácido de seu sangue ainda em sua boca. A escuridão fervia dentro de Arun e ele se aferrou a Trae, lutando com toda sua vontade. Mas, preocupado com a batalha interna, sentiu seu corpo seguir seus próprios desejos. Sua mão sobre os ombros de Trae. Trae pressionando suas costas contra a pedra.

"Está muito magro, Arun." murmurou.

"Estou *"muito"* em muitas coisas, Trae."

"Muito difícil alcança-lo, acredite. Não, prometi espera-lo, mas vê-lo assim e não saber como posso ajudar, com o que o aflige tanto."

Aquele maldito silêncio se encrespava e endurecia dentro dele. Arun assobiou irritado, sentia-se rasgado em todas as direções. *"Um dia mais. Trae. Um dia mais e terá todas as suas respostas. Está seguro comigo."*



Mas ele o apertou mais, e ele já não sabia se era ele que o queria e o fazia ou era a escuridão. Ele não conseguia ver a diferença, se acaso houvesse uma. Ou tinha sido realmente ele e a coisa em seu interior era somente uma desculpa. Sentiu as inúteis lágrimas encherem seus olhos, e seu corpo estremeceu. Trae o sustentava, tão paciente e por tão pouco motivo.

"Por que não me diz o que há, Arun?" ele disse, com um suspiro. "Eu encontrei um maravilhado, mas basicamente sensível jovem há uns meses, que chamou minha atenção. Quem sabe você possa me dizer, para onde ele foi?"

Arun não tinha grandes esperanças de conseguir falar, mas se assombrou quando uma palavra saiu. "Amanhã," ele disse.

Capítulo 5

E já que tinha aceitado muitas exigências exageradas, parecia que Trae iria aceitar uma mais. Ficou na casa caminhando em frente ao quarto de Arun durante a noite toda, seus passos podiam ser ouvidos, patrulhando a casa. Arun ficou na cama o dia todo, esperando assim evitar a tentação. Estava na cama de joelhos, esperando poder rezar, incapaz de dormir.

Não havia razão alguma para implorar ao Senhor do Fogo sobre seu assunto em particular. Um deus podia fazer o que quisesse sem se importar com o que rezasse um homem, mais ou menos merecedor. Sua mente se sentia vazia e aberta, e seus pensamentos se moviam como a brisa em um lago escuro. Sob a superfície, a escuridão espreitava, ainda mal-humorada.

Kandar era sua última esperança: um sacerdote que vislumbrou a natureza de seu problema, pelo menos a existência dele. O amanhecer e a luz do dia pareciam uma mudança sem importância, luz e escuridão andavam juntas agora. Arun apenas esperava. Miri chegou e se sentou ao seu lado e nem sequer se incomodou em pedir explicações. Umi passou frente à porta e soprou. Então surgiu Trae de novo, colocando a mão em seu ombro por um instante, mãos sempre quentes, tão quentes. Como podia uma criatura da escuridão queimar como o fogo? Ou será que era o frio que aumentava em Arun? O dia inteiro passou quase sem dar-se



conta, até que estava de novo deitado na escuridão e seu olhar indiferente viu uma sombra que se movia. Ele se perguntou se era uma aranha movida pela brisa da janela. Então, em um flash, viu que era o véu da bruxa. Ela se colocou em sua natural escuridão ao lado da cama. Sua mão nua e pálida como a de um cadáver, retirou o véu.

A luz da lua iluminou seus rasgos como uma máscara, quando se virou para ele.

"Você me chateia Arun," ela disse. "Disse-lhe que se não lutar é mais fácil." Ela passou a mão pelo braço dele, pele com pele. A escuridão chegava a ele, enérgica e vibrante. "Quando aceitou a escuridão, você se converteu na escuridão."

"E se eu rejeitar a escuridão?"

"Ela é minha, e é sua. É a escuridão de nossa linhagem. Você é meu filho, e é seu destino reclamar esse poder. Sempre foi seu. Eu apenas o despertei."

Arun reagiu com uma fraca indiferença. "Seu filho, Madame? Difícil de acreditar." Afastou-se com repugnância.

"Não grite," ela disse, com um sorriso zombeteiro. "Isso poderia causar grandes dificuldades, posto que eu destruiria todos nesta casa, mas os desconfortos podem ser um inconveniente."

"Se persiste neste jogo, deveria reclamar Miri também como sua filha. Machucaria também a ela?"

A bruxa deu de ombros e se sentou em uma cadeira, que rangeu. "Aquela menina ridícula não tem potencial para esta arte. Foi por isso que me vi obrigada a atravessar a indignidade da gravidez pela segunda vez. Fiquei com um herdeiro varão para todas as coisas. Mas não ia passar por tudo aquilo de novo apenas para ter uma menina. Não tenho ternos sentimentos para elas e só os suficientes por você. Nossa linhagem demanda continuidade, e tenho você."

"Nossos pais eram granjeiros, morreram de febre..."

"Não importa a quem pergunte, ninguém poderá lhe dizer nada mais sobre isso, não é assim? Vocês eram, até onde se sabe, crianças abandonadas." A bruxa riu. "Sua verdadeira mãe é uma bruxa e seu pai um Lorde, um velho homem procurando imortalidade. Você é a única



imortalidade que ele terá, e possivelmente seja melhor assim. Porque um menino varão pode ser meu herdeiro e dele, e ele inclusive o reconhecerá se eu lhe pedir que o faça. Ele não pode me negar nada, e apesar de ser inteligente precisarei enganá-lo um pouco para conseguir o que quero. Acredita que ele pensa que o homem lobo poderia lhe dar a imortalidade com uma mordida ou uma maldição? Idiota supersticioso. Pensa que ele aprendeu algo depois de ter compartilhado minha cama todos estes anos?" Ela se inclinou para ele. "Você pode se tornar o Lorde das terras baixas, pode ser um professor das artes negras e ser a continuação do meu poder, e ainda garantir minha comodidade. A única escolha que tem é não lutar contra o inevitável."

Arun sentiu um flash ao dar-se conta. "Irei com você se me deixar agora e não machucar ninguém." A escuridão certamente o deixaria se ele pudesse deixá-la. Sua mente escorregava, pensando se tudo o que ela havia dito era certo.

"OH, não, não," ela chiou, com um sorriso. "Eu acelerei as coisas em você. Para obrigá-lo a seguir as regras."

Essa coisa com o homem-lobo era somente um truque, assim Jeryl não suspeitaria que eu estava pensando substituí-lo. Não me importa a criatura, mas precisava usá-la como escudo. Você o usou, e usou seus sentimentos por ele para deter o duskling, para manter o poder que era uma parte minha. Finalmente você terá esse poder, Arun. Por que luta contra? Tudo isto o enfraquece. Mas mudará quando aceitar. Isto pode fazer com que fique mais parecido a mim, por que luta tanto?" Seu sorriso zombeteiro tornava difícil saber se ela falava a sério.

Arun se empurrou contra a parede. A bruxa continuava olhando-o, e ouviu o batimento acelerado de seu próprio coração. "Não entende, apenas deixe Trae ir. Deixe-o renunciar..."

"Não, você que não entende, nada. O que eu fizer não fará com que ele renuncie. Você deve tomá-lo. Deite-se com o homem-lobo para que o duskling possa matá-lo. Então será suficientemente forte para esgotar-se e retornar a você. Já não tenho paciência para ver que continua lutando. Vai enfraquecer você e o duskling. Não posso mais tolerar isso."

Ela ficou de pé, sacudindo as camadas de suas saias. A coisa dentro dele, que ela chamava de duskling, elevou-se como uma onda. Mas ouviu que batiam à porta, e um



inequívoco som de passos fez com que ele se virasse, e em um instante ela tinha desaparecido em uma clara névoa. Com o frio da brisa ela se foi.

A porta se abriu e Trae entrou. "Kandar quer falar com você antes da cerimônia. Deseja leva-lo para o templo."

O sacerdote estava ao lado de Trae, e entrou no quarto. Seu olhar percorreu o quarto, como se estivesse surpreso por encontrá-lo vazio. Arun viu-se paralisado no lugar. Mas Kandar tomou a iniciativa e alcançou Arun. Com um toque a paralisia pareceu derreter-se.

Trae colocou o velho casaco de Arun sobre seus ombros. "Há alguma coisa aqui, não é assim?" perguntou. "Os outros dizem que somente estou procurando desculpas, que preciso aceitar, mas..."

"Sim, há algo," disse Kandar. "Mas também é fácil ver que quer este jovem, como se alguma praga estivesse nele."

Ambos falavam como se Arun não estivesse presente, e ele começou a sentir que o afastavam. Ele via através de seus olhos, mas aumentava a sensação de que era mais um passageiro que o capitão de seu próprio corpo. Eles o levavam para o templo agora, e ele duvidava que pudesse retornar. Seu corpo parecia fino e leve, mas mesmo assim, era mais forte a presença do duskling que dele mesmo. Se matasse essa coisa, duvidava que ele próprio pudesse viver.

"Vou com vocês." Disse Trae. "Mesmo que eu fique na porta do templo. Sei que não é lugar para mim, mas posso sentir algo perigoso no ar, e eu não gosto de pensar que vão caminhar sozinhos por ruas escuras."

Kandar não discutiu o ponto. Ele colocou o braço ao redor das costas de Arun e o guiou para fora da casa que estava em silêncio. Onde estava Umi? Sempre despertava durante a noite. Shireen era uma concorrida cidade e Trae parecia preocupado que se perdessem enquanto atravessavam as ruas. O duskling se movia profundamente dentro dele, enviando uma dor que percorria seu abdômen e pernas, que Arun lutava por esconder.

Levaram muito tempo para percorrer as estreitas ruas do vale, e no meio dele havia uma rochosa colina. No topo dela se erguia um imponente templo de pedra amarela. Eles não se



aproximaram da enorme e régia porta dourada que se encontrava fechada, mas se dirigiram para uma pequena porta que Kandar abriu com as chaves que pendiam de seu cinturão.

Trae se deteve e virou Arun de frente para ele. "Mesmo que seja para eu perde-lo para o seu Deus, Arun, veja onde quer ficar. O que mais quero é que seja feliz. Há um laço entre nós, e ele continua aqui. Realmente nunca entendi por que você se isolava, e temo que não tentei o suficiente, mas sei que não é pouca coisa, devia ter feito mais, mas não sabia como. Faça o que deve fazer, Arun. E quero que saiba que seja lá o que for que faça, entenderei e aceitarei qualquer que seja sua decisão."

Arun não conseguia falar nem vê-lo. Como Trae podia continuar pensando nele com tanta amabilidade, apesar da brutal indiferença com a qual o tinha tratado? Com uma grande força de vontade conseguiu levantar a cabeça e olhar os olhos de Trae. A mão de Arun instintivamente tocou os desconhecidos tijolos do exterior. Sua próxima revisão revelou que realmente não era pedra solar, mas sim, rocha pintada.

"Não tem nada do que se arrepender," disse Arun. "Lembre-se disso."

Afastou-se enquanto ouvia Kandar murmurar alguma promessa antes de fechar a porta atrás deles.

A dor era forte agora, apertou os dentes e conteve um gemido, e suas pernas tremiam enquanto entravam no templo. Como pode pensar que a bruxa lhe daria uma solução? Tão logo ela tivesse poder sobre ele, e assim que tivesse poder sobre os outros, ela poderia fazer muitas coisas más. Melhor acabar com tudo, aqui.

Kandar estava atrás dele de novo. "Arun, você está doente, devia..."

Arun sacudiu a cabeça, empurrando-se instintivamente, obrigando-se a continuar. A dor era sua salvação. Era o primeiro sinal de alguma coisa, algo dentro dele lutava com o poder negro em seu interior. Reconhecendo que ele podia não sair vivo desse monstro, decidiu encarregar-se de acabar consigo mesmo. Uma pequena porta lateral se abriu e entraram em um corredor em arco, que os levou a uma escada em espiral. O fundo do corredor tinha tanta iluminação que quase o cegou. Para lá iria.



Kandar simplesmente continuou ao seu lado enquanto ele chegava ao vestíbulo por uma pequena porta de madeira. Deteve-se ali.

"Esse é o quarto de exames." Kandar disse. "E alguns são examinados mais que outros. Mas antes de admiti-lo, precisamos saber que realmente deseja entrar. Os exames podem ser intensos. Eles são rápidos, mas a maioria dos acólitos se prepara durante anos..."

Parecia que Kandar começava a vislumbrar com o que estava tratando. Arun se voltou, encorajado, e aproximou-se de sua salvação. "Preparei-me para isto durante toda minha vida."

E a porta se abriu.

Depois que a porta se fechou tranquilamente atrás dele, Arun ficou na mais perfeita escuridão. Ele podia sentir o chão de madeira debaixo das finas solas de suas botas, mas não podia dizer quanto espaço o rodeava. Na distância, muito mais longe que o que o rodeava, até mesmo que todo o templo, uma pequena luz se acendeu e movia-se muito lentamente percorrendo a imensa distância, mas a simples bolinha de luz não diminuía a escuridão.

Depois de um imensurável tempo, ele viu a luz dentro de uma singela vela, sustentada no topo de uma alta fortificação, que era sustentada por... Às escuras roupas mal se viam sobre o corpo da bruxa.

Arun sacudiu a cabeça. Não era possível, não aqui no templo. O véu da bruxa caiu, e enquanto observava-o, falou.

"Quem sou eu, Arun?"

A voz parecia cortá-lo. Não, não a ele, mas à escuridão nele. Assombrado, baixou a vista por um instante e depois levantou de novo, e então ficou escuro de novo. Ela tinha ido, ou a vela tinha se apagado. Isso queria dizer que tinha que responder à pergunta, estava naquele quarto para responder corretamente. Sem importar com o que parecesse a resposta. Ele tinha que responder; uma bruxa... sua mãe? Uma pele roçou sua mão. O lobo o rodeava, sua pele emitia um brilho azul.

"Quem sou eu, Arun?"



A escuridão nele agitava-se, fazendo-o cair de joelhos. Em um lampejo, a suspeita... Quem podia falar assim que provocava tanta agonia à criatura? E não por ser uma pergunta diferente. Era a mesma pergunta com voz diferente. Quem era: a bruxa e o lobo?

O lobo se afastou, e na escuridão, diferentes figuras se moviam e trocavam, um pouco longe para vê-los realmente.

O gigante que tinha visto quando chegou a Shireen ficou iluminado. "Quem sou eu?" ressoou com ira.

Da escuridão Umi chiou, "Quem sou eu?"

Arun sentia o estômago revoltado. Estava de cócoras no piso, tinha lágrimas nos olhos, frustração e confusão afligiam seus sentidos enquanto as vozes continuavam gritando. Lanner em um frio tom, Jeryl com uma trêmula e desdenhosa voz, e Perrin, com sua calma voz de barítono. "Quem sou eu?"

"Não entendo. Não sei."

A dor o fez se enroscar de lado. Todas aquelas vozes da escuridão, ou na escuridão, por que faziam essa pergunta a ele, por que aqui? Como podiam eles estar aqui? O duskling parecia esticar-se através de seu corpo e sentiu muito frio e a dor subia desde seu abdômen até seu peito e cabeça. Um líquido azedo subiu por sua garganta e jorrou de sua boca.

Outra voz na escuridão perguntou, "Quem sou eu?"

Esta Arun sabia. "Você é meu Senhor."

A dor dentro dele se derreteu e se afastou igual ao gelo ante o calor do sol. Apesar disso, a escuridão continuava ao redor dele, e ele não tinha dúvidas de que a coisa tinha saído de seu interior.

"Meu Senhor do Fogo." Arun disse. "É meu Senhor do Fogo, mesmo na escuridão. Inclusive como o lobo."

"Mesmo na escuridão." Replicou uma única e benevolente voz. A voz parecia preencher o ar desde todas as direções, inclusive do interior do corpo do próprio Arun. "O fogo é somente uma imagem, uma imagem que dá conforto, que sugere uma forma de quem está além da forma e do corpo, e essa forma e esse corpo são somente o que querem ser. Há dor e destruição



no fogo, como há calor e amparo. Aí, onde o frio o deixa cego na escuridão, mas também à noite lhe brinda com o isolamento para dormir. Se puder me ver em seu coração, pode me encontrar na escuridão, porque estou aqui e também em muitos outros lugares.”

Arun se sustentou no chão com suas trêmulas mãos e levantou a vista para vê-lo. Um homem estava parado diante dele, um homem jovem, de pele dourada, cabelo ondulado e os olhos fixos nele, no chão. Ele estava em meio à forma de homem e à da estátua que ele via em sua deserta e privada capela. "Não pude lutar contra a escuridão, inclusive quando machucava ao homem que eu...”

O Deus do Fogo sorriu. "Pode não aceitar a escuridão. Mas ela será sempre parte de você.”

"Não, a bruxa, minha mãe...”.

"Ela, com toda sua chamada magia, não pode fazer com que as coisas mudem, isso está em seu coração ou não está. Ela simplesmente despertou a parte escura em você, a parte que não aceita e contra a qual você tanto luta. E mesmo agora, você ainda não entendeu. Não derrotou a escuridão dentro de você. Ela não se vai, é parte de você de novo, não parte dela.”

"Porque ela é parte de você.”

O Deus do Fogo sorriu e estendeu-lhe a mão, e com uma trêmula e presunçosa mão Arun tomou a mão de seu Deus. Parecia suave e humana contra a sua. Ele estava envergonhado de sentir a umidade de seu próprio vomito em sua palma.

"Sinto muito." Gaguejou, ficando de pé e limpando a mão em sua túnica.

O Deus do Fogo sacudiu a cabeça. "Não precisa se desculpar. Lamento o que você sofreu, mas era necessário. Um mau caminho o chamava, e em algumas ocasiões antes senti que você tinha que estar preparado para deixá-lo para que retornasse de verdade para mim. Esta é minha segunda pergunta, Arun. Você veio puro?”

O olhar de Arun foi para o chão. Sempre lhe tinham ensinado o que significava não satisfazer a luxúria do corpo. Mas o Senhor do Fogo já tinha falado com ele e lhe havia dito que a virtude, o mal, e a escuridão eram uma imagem para mostrar como a fé podia iluminar o caminho. Então, o que era realmente a pureza? Ele não se aventurou a pensar nisso



conscientemente. Estava tentando, sem se importar, mesmo que fosse mediocrementemente, fazer as coisas corretas, e não era fácil.

"Não sei como posso dizer, mas eu sempre fui puro." disse com voz tremula. "Fui egoísta e ignorante, mas tentei, realmente tentei proteger os inocentes. Eu tentei fazer o certo e lutei para saber o que era certo. Acredito que fui fraco e descobri que era difícil, mas tentei." Levantou a vista. "Sinto muito. Sei que esta é uma pobre resposta."

"É uma boa resposta, porque é honesta."

Aquilo parecia incrível. "Mas é uma resposta horrível. Sempre ficava confuso. Sentia muitas dúvidas."

"Você é jovem, Arun. Está apenas começando sua jornada." O Deus riu, e aquele som o encheu de puro prazer. "Honestamente, duvido que tenha tido o melhor guia para ajudá-lo a se manter no caminho, e ainda assim, o susteve."

"Isso quer dizer que chegamos à terceira pergunta." De pé, trêmulo, esperou por ela.

"Por que quer me servir como sacerdote, Arun?"

"É essa a terceira pergunta?"

"Esta é, efetivamente, a terceira pergunta."

"Então isso significa que há uma resposta correta e uma incorreta."

Houve um silêncio, e Arun se obrigou a levantar a vista de novo e olhar aquele rosto tão perfeito quanto uma máscara, mas animada, e sem dúvida, a real expressão de um Deus vivo.

"Há uma resposta correta e incorreta para você, para sua vida," ele disse. "Eu posso aceitar qualquer resposta que me dê."

Arun olhou em seu interior por um longo tempo, mas não havia respostas ali. Olhou para o rosto do Senhor do Fogo, mesmo sabendo que, literalmente, não era seu rosto, somente por vê-lo. A resposta que não estava em seu corpo começou a crescer em seu interior. "Porque farei o melhor que puder."

E um instante depois se viu em um singelo quarto com paredes brancas e apenas uma porta, e olhou atrás dele. Por um momento se perguntou se isso significava que teria que provar



o que aconteceu. Mas que importava isso? Se seu Deus tinha aceitado sua resposta, o julgamento do templo não lhe importava. Ajeitou sua roupa e saiu.

Não sabia quanto tempo ficou ali, mas no vestíbulo estava Kandar, esperando. O sacerdote olhou-o e assentiu, sabendo-o.

"Amanhã falaremos a respeito de como pode ajudar o templo. Hoje o dia é seu, para celebrar seu novo tempo e sua nova vida."

"No que posso ajudar?"

"A comunidade é nosso trabalho, e estão muito interessados em você." Kandar o guiou pelo corredor. "Nós somos quatro sacerdotes, e, bom, houve rumores durante meses. Mas como disse, há tempo para falar dessas coisas. Há diferentes tipos de sacerdotes e diferentes tipos de comunidades." Eles saíram pela porta lateral do templo e começaram a descer a colina, passando entre outros edifícios. Eles saíram para a escuridão do horizonte onde se via uma só linha dourada do amanhecer. "Mas me ocorre," Kandar continuou, "que há suficiente espaço para que você tenha um jardim, daqui se pode ver a casa de cura."

Eles saíram do prédio pela mesma porta pela qual tinham entrado; viu Trae esperando por ele.

Quando Trae e Arun se foram, Miri reuniu os membros humanos de sua pequena comunidade: Berton e Rasht. Eles tinham ido à cerimônia do Grande Passo, enviando lanternas pelo escuro rio abaixo, para que se lembrassem pelo que já haviam passado em suas vidas e orando com a esperança de um novo começo na vida daqueles que ficaram para trás. Enquanto olhavam as lanternas percorrerem a superfície do rio, Miri se deu conta de que não queria uma luz que a iluminasse, depois de tudo. Seus pais deveriam estar muito longe agora, fosse onde fosse o mais além.

Eles se dirigiram às festividades no mercado e ficaram à beira do rio até que o céu começou a cobrir-se de nuvens claras. Os outros se adiantaram a ela, e quando chegaram em casa, eles foram para seus quartos. Somente Umi estava ali, no marco da porta, olhando pensativamente.



"Trae tem toda razão." Disse Miri. "Ele retornará logo, encontrará seu próprio lugar. Não é necessário preocupar-se."

Umi não respondeu imediatamente, mas quando olhou Miri, algo em seu olhar lhe dizia que entendia, e que começava a se formar uma amizade entre elas. "Estou certa que Arun está bem," ela replicou, tensamente.

Umi realmente não se importava com Arun, mas ela tentava. Miri tinha aceitado que a conduta de Arun ultimamente requeria muito mais esforço. Umi tinha menos razão para interessar-se por Arun. Claro, ela não tinha visto o Arun de antes, da maneira que costumava ser quando era ele mesmo.

Então ela ouviu um ruído à distância, um som que quase tinha esquecido, a ligeira risada de Arun. Ele e Trae corriam descendo a colina, com Arun tentando cobrir Trae com seu casaco contra os primeiros e fracos raios do sol, mas a verdadeira luz vinha deles, uma luz de liberdade, que tinham perdido durante tanto tempo. Seus desprotegidos rostos pareciam mais jovens e cheios de alegria, e de um amor longamente sufocado.

A fria tensão no interior de seu coração formou um suspiro. Finalmente ela sabia que realmente tudo ficaria bem.

"Isso deve ter uma... explicação." Umi disse, com suspeita.

"E possivelmente eles nos dirão," disse Miri, dirigindo-se para o interior da casa.

"Amanhã."

FIM